

CAMINHOS HISTÓRICOS, SOCIAIS E PEDAGÓGICOS DA LITERATURA TOCANTINENSE



Organizadores
Rubens Martins da Silva
Ysabella Canindé Guerreiro Macêdo

Reitor

Augusto de Rezende Campos

Vice-Reitora

Darlene Teixeira Castro

Pró-Reitora de Graduação

Alessandra Ruita Santos Czapski

Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação

Ana Flávia Gouveia de Faria

Pró-Reitora de Extensão, Cultura e Assuntos Comunitários

Kyldes Batista Vicente

Pró-Reitor de Administração e Finanças

Ricardo de Oliveira Carvalho

Equipe Editorial

Editora Chefe

Liliane Scarpin Storniolo, Unitins, Brasil

Projeto Gráfico e Diagramação

Joelma Feitosa Modesto, Unitins, Brasil

Leandro Dias de Oliveira, Unitins, Brasil

Apoio Técnico

Leonardo Lamim Furtado

Revisão

Maria Socorro da Siva

Marina Ruskaia Ferreira Bucar

Rodrigo Vieira do Nascimento

Capa

Samuel Sousa Lima

Leandro Dias de Oliveira

Conselho Editorial

Alessandra Ruita Santos Czapski

<http://lattes.cnpq.br/1441323064488073>

Eliene Rodrigues Sousa

<http://lattes.cnpq.br/5857623231904159>

Kyldes Batista Vicente

<http://lattes.cnpq.br/1249709305972671>

Mariany Almeida Montino

<http://lattes.cnpq.br/3117524559575296>

Rodrigo Vieira do Nascimento

<http://lattes.cnpq.br/8227728628110178>

Darlene Teixeira Castro

<http://lattes.cnpq.br/8766578585291045>

Jeferson Moraes da Costa

<http://lattes.cnpq.br/8929854109676237>

Lilian Natália Ferreira de Lima

<http://lattes.cnpq.br/6290282911607995>

Michele Ribeiro Ramos

<http://lattes.cnpq.br/1032124853688980>

Vinícius Pinheiro Marques

<http://lattes.cnpq.br/7300803447800440>

Contato

Editora Unitins

(63) 3218-4911

108 Sul, Alameda 11, Lote 03

CEP.: 77.020-122 - Palmas - Tocantins

C183 Caminhos históricos, sociais e pedagógicos da literatura tocantinense (livro eletrônico)/
Organizado por: Rubens Martins da Silva; Ysabella Canindé Guerreiro Macêdo.
Palmas - TO: Unitins, 2024.
70p.; color.
3,0Mb; ePUB
ISBN 978-85-5554-344-9
DOI: 10.36725/978-85-5554-344-9
1 História. 2 Sociedade. 3 Pedagogia. 4. Literatura Tocantinense. I.
Silva, Rubens Martins da. II. Macêdo, Ysabella Canindé Guerreiro.

CDD 869.8992

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Ysabella Canindé Guerreiro
Macêdo CRB-2/ 1191

Prefácio

Janaína Senem¹

É comum ouvir falar em literatura tocantinense, mas ao fazer a leitura deste livro é que se consegue observar a dimensão que ela representa no e para o estado do Tocantins. É, também, a partir desta obra que se consegue identificar a força das manifestações literárias tocantinenses para a cultura poética.

Organizada em cinco capítulos, esta obra leva ao leitor possibilidades de identificação de aspectos históricos, sociais e pedagógicos contidos em uma produção literária que revela a potencialidade da produção literária tocantinense.

O modo como cada capítulo é apresentado sugere que o leitor faça um percurso literário recheado de aventuras, descobertas e de reflexões sobre diferentes temáticas. Nesse percurso, ele terá contato com informações históricas e culturais, pedagógicas e sociais, além de percepções sobre o que é possível fazer quando da leitura das obras analisadas, e conseqüentemente sugeridas como leitura de cabeceira.

Os capítulos que compõem esta coletânea dão uma noção geral sobre o que é e de que modo as produções literárias tocantinenses podem contribuir para a realização de atividades em escolas da educação básica, bem como no ensino superior, além das possibilidades de pesquisas científicas ou de cursos de extensão, a exemplo do citado no último capítulo.

De modo pontual, este livro chega ao leitor como uma das obras necessárias ao conhecimento da literatura produzida no Tocantins e de seus respectivos autores. Por tudo isso, esta obra revela que a produção literária regional é tão significativa quanto as obras denominadas clássicas. Sendo assim, o convite à leitura é a mola que move cada um dos capítulos deste trabalho, posto que eles devem ser considerados elementares à identificação da potencialidade pedagógica da literatura tocantinense.

¹ Mestra em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, 2017). Graduada em Letras Inglês e Literaturas de Língua Inglesa pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO, 2015). E-mail: janaina.s@unitins.br.

Apresentação

Rubens Martins da Silva¹

Este livro, intitulado *Caminhos históricos, sociais e pedagógicos da literatura tocantinense* resultou de um amplo percurso pela literatura tocantinense, pois cada um de seus capítulos foi construído a partir da leitura de obras literárias produzidas/publicadas no estado do Tocantins.

As abordagens contidas em cada um dos capítulos sugerem que a produção literária regional tem expressividade para a formação de leitores, bem como para o desenvolvimento de atividades pedagógicas, além da crítica literária.

O livro contém cinco capítulos, que resultaram do estudo de obras literárias responsáveis pela disseminação de escritores, o que representa a possibilidade de identificação de expoentes literários que ainda estão em busca de sua notoriedade literária.

O texto que dá foco ao primeiro capítulo tem por título *Desvendando Cyntia: O primeiro romance tocantinense publicado após a emancipação do Tocantins*. É um texto que revela a obra literária nascida/publicada quase na mesma época de criação do estado do Tocantins. Por isso, é uma reflexão que revela o processo histórico e historiográfico do surgimento da primeira manifestação literária tocantinense. Assim, a leitura de *Cyntia* corresponde ao chamamento para se desfrutar das obras produzidas por escritores tocantinenses, sejam eles nascidos ou que vieram para o Tocantins a partir de sua criação.

O segundo capítulo, cujo título é *Perspectiva feminista na literatura infantil tocantinense: uma análise do livro "travessuras e magia no cerrado encantado"*, tem como foco a leitura de uma obra que potencializa a discussão a respeito da força das mulheres, também em contexto literário. A obra analisada neste capítulo revela a expressão literária de uma escritora tocantinense que, assim como suas personagens, acredita no potencial feminino. Em tom infantojuvenil, a obra é considerada indispensável às atividades de leitura com as crianças, principalmente porque trata de assuntos inteiramente importantes a elas.

O terceiro capítulo tem por título *A literatura no Tocantins construindo memórias individuais e coletivas* e corresponde à apresentação de um projeto de ensino que valoriza o uso da literatura tocantinense como perspectiva de construção de memórias individuais e coletivas a partir da leitura de determinadas obras. O texto se apresenta no formato de projeto de ensino, porque tem a premissa de incentivar a leitura de obras literárias tocantinenses enquanto fundamentos necessários à formação de leitores, principalmente aqueles que ainda estão na Educação Básica.

O quarto capítulo, cujo título é *Exploração humana e ambiental na obra regionalista de Fidêncio Bogo: uma análise dos contos 'O Quati' e 'Matadouro' sob a perspectiva da literatura comparada*, apresenta, com riqueza de detalhes analíticos, a expressividade dos contos que carregam uma das mais importantes obras publicadas pelo escritor Fidêncio Bogo. A análise apresenta fundamentos consistentes sobre os elementos comparativos entre os dois contos e discute aspectos sociais conectados com a questão ambiental, o que por sinal, são vistos como um dos pontos mais discutidos

¹ Pós-doutor em Letras: literatura tocantinense (UFT). Doutor em Letras: Ensino de Língua e Literatura (UFT). Mestre em Letras (PUC Goiás). Professor efetivo da Unitins e da Seduc-TO. E-mail: rubens.ms@unitins.br

desde a criação do Tocantins.

O quinto e último capítulo tem por título *A Literatura tocaninense em três vozes estéticas* e compõe-se da apresentação de sugestões pedagógicas resultante do estudo de três importantes obras literárias tocaninenses. Para tanto, o texto aponta a abordagem das obras sob os eixos “conteúdos” e “discussões temáticas”. O capítulo aponta em sua parte inicial que a literatura tocaninense tem sido objeto de estudo em cursos de extensão ofertadas pela Universidade Estadual do Tocantins (Unitins).

Diante do exposto, este livro é um convite à leitura das obras literárias que deram suporte à escrita dos referidos capítulos, as quais, substancialmente, poderão ser utilizadas para a realização de pesquisas em diferentes níveis de estudo, destacando-se, por exemplo, as vinculadas ao “Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica - PIBIC” e aos cursos de graduação, mestrado e doutorado. Além disso, é uma literatura que sugere, tal como este, a publicação de outros livros vinculados a esta mesma linhagem científica.

SUMÁRIO

CAPÍTULO I - DESVENDANDO CYNTIA: O PRIMEIRO ROMANCE TOCANTINENSE PUBLICADO APÓS A EMANCIPAÇÃO DO TOCANTINS.....08

Odi Alexander Rocha da Silva

Luciene de Sousa Ribeiro

CAPÍTULO II - PERSPECTIVA FEMINISTA NA LITERATURA INFANTIL TOCANTINENSE: UMA ANÁLISE DO LIVRO “TRAVESSURAS E MAGIA NO CERRADO ENCANTADO”20

Francisca Laylla Pereira de Sousa Lima

CAPÍTULO III - A LITERATURA NO TOCANTINS CONSTRUINDO MEMÓRIAS INDIVIDUAIS E COLETIVAS.....33

Tamires Iwanczuk de Oliveira

**CAPÍTULO IV - EXPLORAÇÃO HUMANA E AMBIENTAL NA OBRA REGIONALISTA DE FIDÊN-
CIO BOGO: UMA ANÁLISE DOS CONTOS ‘O QUATI’ E ‘MATADOURO’ SOB A PERSPECTIVA DA
LITERATURA COMPARADA.....41**

Taís Bogo Monteiro da Silva

Leomara Mauricio Lustosa

CAPÍTULO V - A LITERATURA TOCANTINENSE EM TRÊS VOZES ESTÉTICAS.....58

Rubens Martins da Silva

CAPÍTULO I

DESVENDANDO CYNTIA

O primeiro romance tocantinense publicado após a emancipação do Tocantins

Odi Alexander Rocha da Silva¹

Luciene de Sousa Ribeiro²

Introdução

O Tocantins já atingiu mais de 30 anos de existência. A relação existente entre as obras produzidas no estado ao longo desse período permite revelar uma construção identitária sendo realizada gradativamente. Nesse contexto, o processo de produção literária do estado tem atingido níveis altamente diferenciados. A identidade tocantinense, entretanto, ainda é uma busca. A literatura constitui um dos meios pelos quais essa busca se configura.

No que diz respeito ao Tocantins, a partir da emancipação em relação ao estado de Goiás (o antigo norte goiano, era uma extensão de quase mil e quinhentos quilômetros), um importante passo foi dado na busca de uma identidade cultural para um estado ainda tão plural e em busca de seus significados. De fato, já mesmo antes da emancipação, oficializada mediante o art. 13 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias a Constituição de 1988, gradativas diferenças culturais passaram a marcar o sul e o norte de Goiás. Em linhas gerais, elas eram ocasionadas pela maior proximidade do norte goiano com o norte e o nordeste brasileiro e, “[...] se não chegavam a ser incompatíveis, não escapavam aos que se dispunham a vê-las” (Albuquerque, 2017, p. 13).

Esse contexto favoreceu, entre outros fatores, o surgimento de uma arte literária que procurou, passo a passo, diferenciar-se do “sul goiano”. Uma literatura (hoje chamada, em termos gerais, de tocantinense), caracterizada por autores que “[...] nasceram no antigo norte de Goiás, hoje Tocantins. Mas também aqueles que, oriundos de outros estados, vivem hoje no Tocantins [...]” (Martins, 2010, p. 14). Tal é, pois, a definição de uma literatura de expressão cultural que, com a emancipação do estado, começou, com o tempo, a consolidar-se e a construir uma nova história.

O tempo já considerável de existência do estado proporcionou o surgimento de obras de excelente qualidade. Algumas já, por assim dizer, ingressaram no que se pode chamar de cânone histórico da literatura tocantinense, que, aos poucos, ganha vigor e substância com o passar do tempo. Por outro lado, há obras que, embora existentes, inclusive há muito tempo, não são lembradas em razão de não serem devidamente conhecidas. Uma dessas obras é *Cyntia*, de Creuza Cruz. Trata-se de um romance recentemente *redescoberto* através de uma atividade de pesquisa, a qual, entre outros fatores, foi proporcionada pelo Ciclo de Estudos e Debates da Literatura Tocan-

1 Doutor em Teoria da Literatura. Docente na Universidade Estadual do Tocantins (UNITINS).

2 Mestra em História das Populações Amazônicas, Licenciada em Letras, professora da SEMED/ Palmas - TO.

tinense, uma atividade de extensão da Universidade Estadual do Tocantins (Unitins), conduzida pelo Prof. Dr. Rubens Martins da Silva. Parte dos reflexos dos debates, acontecidos nas reuniões periódicas desse ciclo de estudos, se encontram nas linhas que se seguem.

O presente trabalho tem a finalidade de um resgate histórico. Constitui, especificamente, a busca por dar ao público a notícia de uma obra datada dos primórdios do estado. As razões do seu caráter relevante e pioneiro serão esclarecidas mediante uma reflexão de natureza historiográfico-literária. Desse modo, o propósito da presente discussão é apresentar o romance *Cyntia* e esclarecê-lo em sua importância histórica e cultural para a literatura tocantinense de modo geral. Tal estudo, em nosso entender, se reveste de importância, sobretudo, em esclarecendo o valor historiográfico-literário da referida obra para que ela, no futuro, possa, dentre outras finalidades, constituir um parâmetro para a construção de uma historiografia literária tocantinense seja apenas dos seus romances, seja da literatura do Tocantins de uma maneira geral.

Historiografia Literária

A Historiografia literária constitui uma disciplina voltada para a construção de uma identidade literária, tendo como pano de fundo uma perspectiva histórica. Embora tenha certa relação com a História, a historiografia literária possui uma natureza diferenciada. Embora derive de história, a historiografia está para além de sua derivação. Com efeito, por história, se compreende a

Sucessão de eventos na linha do tempo. Usa-se, também, a palavra para nomear um saber especializado ou disciplina acadêmica cujo objetivo é reconstituir eventos passados a fim de apresentá-los de modo sistemático e cronologicamente ordenado (Souza, 2018, p. 150).

Com o desenvolvimento dos estudos literários, no século XIX, surge a primeira das grandes realizações destes estudos à época: a história da literatura, a qual consiste em um estudo literário “(...) fortemente referenciado ao contexto, especialmente aos das diversas nacionalidades modernas, entendido como uma harmoniosa integração entre natureza, história e sociedade” (Ibid, 2018, p. 150). Com o tempo, a história da literatura alcançaria novas nuances, associando-se à crítica ou mesmo a absorvendo. Em inícios do século XX, passaria a ter a concorrência de outro segmento de estudos literários que então surgia, a Teoria da Literatura (Souza, 2018, p. 150).

O termo historiografia surge como um termo que abarca, em si, os dois sentidos da palavra história, quais sejam: a) sucessão dos próprios eventos e b) discurso narrativo desses eventos. Ou seja, tomando-se de um ponto de vista paradigmático, a historiografia constitui a *história em forma de discurso* e não a *história em forma de evento*, ainda que este também possa ter certa relevância no esclarecimento daquele. A historiografia pura, portanto, tem como sentido geral o estudo crítico de obras de história.

Quando associado à literatura, o termo adquire uma significação ainda mais substancial em razão da atividade que nomeia: o estudo crítico de obras de uma literatura específica, enfatizando seus contextos sociais, temporais, entre outros, organizando-as sob uma perspectiva cronológica. Por outras palavras, trata-se de um estudo de fundo crítico-histórico cujo objeto de pesquisa são

materiais de natureza artística, no caso, as obras literárias.

A historiografia literária é, portanto, uma disciplina relativamente recente. Embora já tenha muitos anos de existência e atuação, mesmo em nossos dias,

A prática da historiografia literária atual está ligada à concepção de história trazida pelo século XIX. Neste contexto, a história consiste em "(...) compreender cada fenômeno e cada época em sua individualidade e buscando, ao mesmo tempo, estabelecer as relações que existem entre eles, compreender como uma época emergiu dos dados da que a precedia e como os indivíduos se formam por via da cooperação das influências de sua época e meio com caráter peculiar (Auerbach, 1970, p. 31).

As produções literárias individuais colaboram para o desenho do macrocosmo de uma identidade literária. Tal esboço, mediante um estudo comparativo, colabora para verificar a construção de uma identidade literária do texto através de "[...] uma análise que o vincula ao contexto histórico-cultural e, ao mesmo tempo, o considera preso a uma continuidade específica" (Moisés, 2012, p. 15). Em razão da complexidade de seu objeto de estudo, a historiografia literária, mediante seus métodos particulares, busca realizar uma pesquisa de caráter documental, a exemplo do que igualmente pratica a historiografia em sentido puro.

Por natureza, a historiografia constitui disciplina autônoma, com técnicas, métodos, filosofia e objetivos próprios. Uma das suas faces apresenta característica científica, de vez que busca a verdade documental: a contraface, porém, dirige-se no rumo da arte, visto que a intuição colabora sistematicamente na pesquisa e julgamento dos fatos do passado. Enquanto a primeira configuração não importa à literatura, a outra interessa-lhe sempre que o seu influxo assume maior relevo do que o esperado (Moisés, 2012, p. 172-173).

Enquanto, pois, a historiografia pura possui uma direção mais orientada para o levantamento dos fatos históricos, a historiografia literária observa os processos literários de modo geral. Ou seja, a historiografia literária dirige suas análises específica e enfaticamente para o rumo da arte literária (embora não ignore os fatos históricos que lhe possam servir para a melhor eficácia de seus estudos). Analisando os processos literários sob um ponto de vista histórico, a literatura enquanto objeto do conhecimento "(...) é acessível por duas vias: a da teoria, que implica a capacidade de cálculo e de raciocínio abstrato, e a da história, que é concretizante e de índole narrativa" (Souza, 2018, p. 27).

Desse modo, a historiografia literária intenta contar a história de uma literatura específica. Para tanto, dedica esforços a uma pesquisa com certa minúcia na medida em que, objetivando contar a história de uma produção literária determinada, precisa se ater a todas as manifestações relativas ao seu objeto de pesquisa. Mesmo que se estude apenas uma obra (como é o caso, por exemplo, do presente trabalho), é preciso enfatizar a ideia de uma vinculação da obra estudada para com o contexto do qual surgiu.

Por outro lado, entender o aspecto geral de manifestações culturais específicas, envolve a

necessidade de conhecer muito (quando não tudo) a respeito dessas manifestações, seja as obras literárias em si mesmas, seja a cultura à luz da qual tais obras surgiram. Muitos são, dessa forma, os desafios a quem deseja se dedicar aos estudos historiográficos literários. É uma tarefa sumamente trabalhosa, mas sua compensação reside no fato de que

(...) em um livro de história da literatura, em vez dos raciocínios abstratizantes de um tratado de teoria, acompanhamos a movimentação de um enredo cujo efeito se assemelha ao de um romance. Não faltam personagens – os autores e obras – bem como um conflito – a luta de uma cultura literária em busca de sua autenticidade (...) – tudo isso narrado sob a forma de episódios – os períodos ou as épocas – configurando uma progressão em que há início, meio e fim dos prenúncios da literatura de um país à consumação do seu destino. (...) a história da literatura fornece como que um mapa do tempo sem o qual será impossível mover-se com um mínimo de proficiência nos estudos literários (Ibid., 2018, p. 27).

Um inventário dos “episódios” de uma manifestação literária específica, portanto, nos fornece importantes informações sobre aspectos culturais os quais esclarecem em muito a literatura enquanto fenômeno artístico. Por essa razão, muito da pesquisa em historiografia literária é feita em manifestações episódicas. A análise específica, revelando suas nuances particulares, acrescenta ao todo das manifestações literárias os elementos que permitem identificar uma cultura e, deste modo, estabelecer relações de coerência e coesão para fins de interpretação/reafirmção da arte enquanto instrumento de produção, revelação e identidade social.

Tais estudos episódicos, não raro, acabam, posteriormente, se aglutinando em reflexões, mais densas e extensas, das quais resultam as famosas obras de história literária, estudos alentados que, em linhas gerais, descrevem/ analisam determinada literatura sob um ponto de vista histórico, crítico e cronológico. Em termos de Brasil, coube a Sílvio Romero, no século XIX, realizar o primeiro inventário da nossa literatura, organizado sob uma perspectiva historiográfica, intitulando-a *História da Literatura Brasileira*. Mais modernamente, importantes estudos se destacam por suas notáveis reflexões de caráter historiográfico-literário. Dentre as manifestações mais conhecidas, podemos citar *A Literatura no Brasil* (obra coletiva, organizada por Afrânio Coutinho), *A Formação da Literatura Brasileira*, de Antônio Cândido, e *História da Literatura Brasileira*, de Massaud Moisés, um alentado e minucioso estudo da literatura brasileira em três volumes, desde as origens até os dias atuais.

Desvendando *Cyntia*

Cyntia é o título de um romance tocantinense escrito por Creuza Cruz. A autora é natural de Britânia, em Goiás, cidade em que nasceu e se criou. Desde muitos anos, reside em Rio dos Bois, no Tocantins. Embora o livro já exista há muitos anos, ele, assim como sua autora, é praticamente desconhecido no cenário da literatura tocantinense, razão pela qual, até hoje, não possui fortuna crítica.

A obra, bem como sua autora, é referida em apenas uma publicação: o *Dicionário Biobibliográfico do Tocantins*, de Mário Ribeiro Martins. Nesse dicionário, há um verbete com o nome da autora e uma referência, sem data, ao romance *Cyntia*:

Creuza da Cruz (Ferreira) (sic), de Eldorado, Goiás, hoje Tocantins, 28.01.1949,

escreveu *Cyntia* (romance), sem dados biográficos pessoais completos no livro e sem qualquer outra informação ao alcance da pesquisa, via texto publicado, com notas de orelha de Zacarias Martins e Nazareno Pereira Salgado e apresentação de Rui Cavalcante. Romancista, idealista, visionária. Escritora, ensaísta, pesquisadora, memorialista, intelectual, pensadora, ativista, produtora cultural, literata, cronista, administradora, educadora, ficcionista, oradora. Presente na Estante do Escritor Goiano, do Serviço Social do Comércio e em diversos textos de poesia e prosa (Martins, 2010, p. 165).

O romance foi impresso e publicado em 1989 pela Gráfica e editora Cometa, de Gurupi/TO. Foi encadernado em brochura simples com dimensões de 15 x 21cm (ver anexos). O seu texto foi digitado em máquina elétrica, apresentando alguns erros de digitação ao longo das páginas. O livro conta com duas notas de orelha além de duas apresentações, sendo uma delas a do Padre Rui Cavalcante e outra da própria autora, intitulada “Esclarecimento”, na qual menciona, entre outras questões, que se trata de uma história baseada em fatos reais. A produção do livro, tal como informa a sua breve ficha técnica (ver anexos), contou com a participação de Zacarias Martins, conhecido produtor e divulgador da literatura tocantinense, o qual também é autor de uma das notas de orelha do livro.

O que mais chama a atenção em *Cyntia*, antes mesmo de seu conteúdo, é o seu ano de publicação: 1989. Trata-se do primeiro ano de independência do estado do Tocantins. É o primeiro ano em que o Tocantins passa a produzir sua arte já na condição de um ente autônomo da federação, ou seja, uma situação de maior liberdade e perspectiva para a busca de sua identidade literária.

O livro possui um aspecto gráfico praticamente artesanal, o que se verifica pelo fato de que, na época, não foi possível à autora acessar recursos mais especializados para efetivar uma publicação mais formal. Em verdade, a publicação é o que se chama tecnicamente de “edição de autor”, na qual o autor (a autora, no caso) precisa se encarregar tanto da publicação como da distribuição. Sem o auxílio de uma estratégia editorial, o livro acabou tendo uma circulação bastante restrita e, em razão desse fato, vinculou-se apenas à rede de contatos da autora.

Dois anos após a publicação, um exemplar do livro foi entregue autografado à Comissão de Criação da Universidade Estadual do Tocantins (UNITINS), reunida à época (1991) em Miracema/TO para a criação da referida universidade. Ao que parece, nenhum membro da comissão ficou com o livro. Com isso, o mesmo foi incorporado ao acervo da antiga Universidade do Tocantins (UNITINS) em Porto Nacional/TO, a qual, posteriormente, se tornaria a Universidade Federal do Tocantins (UFT)³.

Com a formação da UFT, o exemplar permaneceu por quase 30 anos na Biblioteca Maria Revy Velloso, do Campus de Porto Nacional da Universidade, até o ano de 2018 quando a biblioteca dele se desfez em razão de renovação do acervo. Trata-se justamente do exemplar utilizado nesta pesquisa, o qual foi obtido na referida biblioteca, mediante doação da mesma para a comu-

3 É importante entender as diferenças apesar, paradoxalmente, da semelhança da nomenclatura: Universidade do Tocantins (Unitins) foi o nome dado à universidade situada em Porto Nacional/TO, a qual, a partir de 2003, passou a se chamar Fundação Universidade Federal do Tocantins (UFT). Já a Universidade Estadual do Tocantins (Unitins) foi a universidade criada em 1991 com sede em Palmas e que, posteriormente (1996), foi transformada em Fundação Universidade Estadual do Tocantins (Unitins).

nidade. De fato, em sua folha de rosto, consta uma dedicatória, escrita a caneta, para a referida comissão, dedicatória feita de próprio punho pela autora (vide anexos).

Grande parte do enredo do romance ocorre em contexto rural, o que o torna literatura de feição regionalista, uma característica bastante evidente nos romances regionalistas tocantinenses publicados em meados dos anos 90 (e anteriores a essa década quando o Tocantins ainda era vinculado ao estado de Goiás). Por regionalista, para os propósitos de nossa abordagem, entende-se como o romance ou conto “[...] relacionado ao mundo rural [...], mas também como literatura popular ora como representação da tragédia, ora como marca de identidade [...]” (Carvalho, 2013, p. 60). O conceito de regionalismo remete ao Romantismo, quando houve uma crescente importância dada ao Brasil regional (Coutinho, 1997, p. 234), por ser um dos elementos da busca de construção da identidade nacional, motivada sob a égide da independência (Amora, 1967, p. 73-74). Tratava-se de algo que nascera “[...] do contato de uma cultura citadina e letrada com a matéria bruta do Brasil rural, provinciano e arcaico” (Bosi, 2017, p. 148). Por outro lado, se, no passado, a abordagem regionalista servia de espetáculo ao habitante da cidade, fascinado pelo exotismo e pelo pitoresco, mais recentemente (do romance de 30 em diante), o regionalismo adquire novas nuances que favorecem leituras e análises mais complexas (Cândido, 2000, p. 75).

Em linhas gerais, o enredo de *Cyntia* retrata a história da mulher que dá nome ao livro. Com efeito, a narrativa percorre aspectos variados da vida da personagem, contemplando o seu nascimento (ocorrido no quarto capítulo), os obstáculos da vida (perda de parentes, mudança de moradia a contragosto, decepções amorosas), encontrando o seu desfecho quando Cyntia conquista a aprovação no cargo de professora estadual e entrevê o retorno de um amor antigo. Antológica pode ser considerada a cena em que a personagem nasce, no quarto capítulo, quando o fenômeno do nascimento é descrito associado a muito da realidade do Tocantins, o ambiente rural:

Seis horas da manhã. Dezessete de abril. Os galos cantavam, despedindo-se da noite e contemplavam mais um nascer do dia. Junto ao cantar dos galos, o choro de uma criança recém-nascida fez Henrique estremecer de alegria (Cruz, 1989, p. 18).

Essa e outras passagens revelam muito do contexto do livro. A sintonia do ser humano com a natureza evoca as riquezas naturais do Tocantins e a relação do humano com essa riqueza. Tem-se aqui a simbolização alegre da linguagem da natureza à qual se associa a alegria humana em razão do nascimento de uma criança, ressignificando um momento do ciclo da natureza em que o nascimento simboliza a constante renovação da vida. É a alegria de Henrique, pai de Cyntia, que aumentava com a chegada de sua filha ao som do canto dos galos no qual se confunde a simbologia tanto do início do dia como do início da vida. O ser humano e a natureza imbricam-se num todo de sentimentos e significações que descrevem, à sua maneira, a atmosfera do Tocantins. É sumamente representativo um livro com uma narrativa desse teor ter sido publicado em um ano tão importante como foi 1989, o primeiro ano após a criação do Tocantins.

A iniciativa de publicar em 1989 proporciona relevância à obra ficcional de Creuza Cruz. De fato, sob o ponto de vista cronológico, o romance antecede à publicação de obras congêneres de escritores que passaram a publicar após a emancipação do Tocantins. As obras desses autores

viriam a lume apenas após o ano de 1990 como, por exemplo, *Rancho Alegre*, de Juarez Moreira Filho, de 1991; *Serra dos Pilões*, de Moura Lima, de 1995; *O Quati e Outros Contos*, de Fidêncio Bogo, de 2002, apenas para citar algumas. Todos de fato foram publicados após a década de oitenta. Portanto, após a publicação de *Cyntia*.

Possivelmente, pode haver alguém que assuma a posição de argumentar que *Cyntia* não seria considerada uma publicação, visto que não foi realizada de maneira formal, isto é, com ficha catalográfica, registro na Biblioteca Nacional, entre outros. Entretanto, a suposta “falta de formalidade” não a invalida enquanto produção cultural. Ainda que restrita, a obra teve circulação e foi conhecida. A evidência deste fato é ter chegado a ser verbete de um dicionário temático de literatura tocantinense. Antes da formalidade em si, a produção cultural é uma manifestação artística, portanto, trata-se de um patrimônio social, o qual revela a cultura através da arte, independentemente de sua forma de publicação.

Por outro lado, embora a sua editoração tenha acontecido por meios, por assim dizer, informais, há que se levar em conta as poucas possibilidades de recursos de mídia, na época de sua publicação. Além disso, há que se levar em conta a persistência da autora em lutar por publicar seu livro justamente em um momento em que o Tocantins iniciava a sua afirmação como cultura autônoma, cujo processo continua atualmente. Desse modo, a iniciativa da publicação de *Cyntia* é pioneira justamente por ter testemunhado os primeiros momentos do estado do Tocantins. Portanto, tem-se aqui uma importância histórica na medida em que *Cyntia* inicia a ocupar um espaço que seria destinado, nos anos que se seguiram, a construção de uma literatura voltada para o Tocantins em suas características, belezas, regionalidades e singularidades.

Mas há algo tão importante quanto a própria obra em si: trata-se do fato de sua autora ser mulher negra, portanto, representativa de contingente considerável da população do Tocantins. Sabe-se, atualmente, que a literatura de autoria feminina vem lutando contra o seu silenciamento. Neste sentido, ignorar a importância de *Cyntia* seria, também, ignorar (e, portanto, silenciar) a importância de sua autora enquanto mulher negra. Ou seja, trata-se de um duplo silenciamento.

Por outro lado, há que se levar em conta, sobretudo, a coragem de Creuza Cruz em lutar contra os poucos recursos do Tocantins de então, com a pouca valorização à cultura em um estado que então surgia. Ao tomar a iniciativa de publicar sua obra, a sua escritura constitui uma apropriação da palavra artística cujo efeito é uma transformação histórico-cultural.

Ao apropriar-se da palavra, a mulher procurou transformar as representações que traduziam o ponto de vista masculino, constituindo-se em sujeito e elaborando representações próprias, de acordo com sua história e suas especificidades, ou seja, gendradas (Zinani, 2014, p. 186).

Em um contexto como o brasileiro, ainda marcado pelo patriarcalismo e pelo preconceito racial, no que diz respeito ao Tocantins, importa muito saber que a produção ficcional pós-emanipação deste estado tenha sido iniciada por uma mulher negra, a qual ousou desafiar a escassez de recursos e de referências para produzir sua literatura. A iniciativa de Creuza Cruz a legitima enquanto mulher – mulher negra tocantinense – e enquanto produtora de cultura, dotada de voz

criativa que a respalda enquanto ser histórico e social. De fato, a coragem e persistência da autora não conheceu limites para a divulgação do seu livro, conseguindo, sobretudo, que ele chegasse ao conhecimento da universidade, a qual sempre teve papel fundamental na divulgação de conhecimento e cultura no contexto do Tocantins.

Por essa razão e pelo fato de o romance *Cyntia*, apesar de pioneiro, ser totalmente desconhecido, com o presente estudo se pretende realizar um resgate histórico, uma vez que almeja retirar essa mulher e essa obra do silenciamento para projetá-las/colocá-las no lugar que lhes é de direito. Por ser uma importante referência primordial da ficção literária tocantinense pós-emancipação, necessita ter seu valor histórico e literário enfatizado e preservado.

Considerações Finais

A identidade literária tocantinense ainda está em formação. Nessas pouco mais de três décadas de existência do Tocantins, sua identidade tem sido forjada aos poucos pelos escritores que retrataram e retratam em suas obras, direta ou indiretamente, suas vivências no estado. Ou seja, "(...) É preciso não esquecer que o texto literário só 'fala' se posto em contexto – no contexto de seus irmãos de gênero e estilo, e no contexto concreto de sua época" (Merquior, 1977, p. X).

Nesse sentido, os textos sempre são passíveis de estudos críticos e comparativos, nos quais, junto com o trabalho historiográfico, torna-se possível investigar o quanto esse diálogo/contato revela em termos de fenômenos artísticos, sociais e culturais em perspectivas amplas (Carvalho, 1986, p. 52).

A cultura tocantinense é um vasto campo aberto, no qual há muito para ler e interpretar. Ao momento da escrita dessas reflexões, as mais de três décadas do estado permitem vislumbrar uma maturidade cultural específica a qual convida a historiografia literária para a pesquisa, assim como uma pessoa convida outra para dançar. Dessa "dança", poderemos ter importantes resultados que digam respeito a importantes esclarecimentos sociais e culturais.

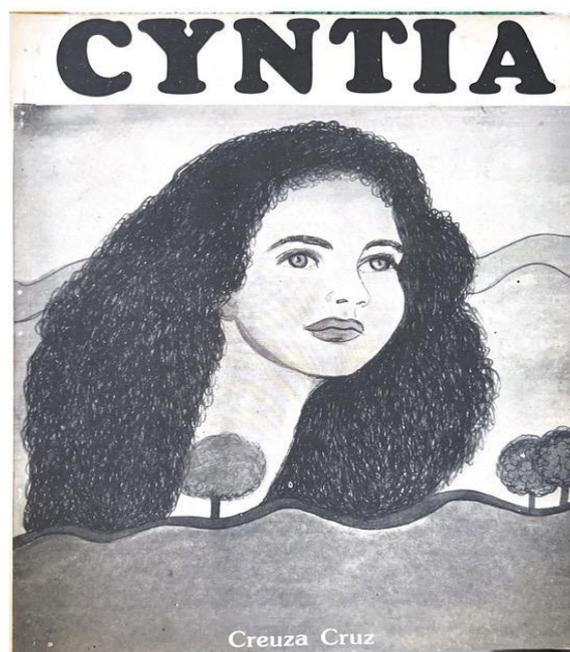
No momento em que o Tocantins palmilha a busca pela sua identidade, é lícito afirmar que a historiografia literária pode ter muito a acrescentar na medida em que convida a literatura (tendo a parceria da crítica) a olhar sobre si mesma e refletir sobre seus caminhos. Esperamos que a essas reflexões possam se juntar muitas outras. *Cruza Cruz* constitui um episódio marcante da trajetória do Tocantins. É importante que sua obra seja notada sobretudo pela iniciativa de desbravar um território que estava iniciando a conhecer a sua própria liberdade e nada, portanto, sabia, da dimensão cultural expressiva que ainda produziria. *Cyntia*, nesse contexto, representa uma obra desbravadora. Através da coragem de sua autora, não apenas fez ouvir sua voz em meio ao silenciamento e agora se faz ouvir novamente como o primeiro romance do Tocantins, publicado após sua independência política. Para que todos saibam que a produção do romance no Tocantins emancipado teve um início, início este que hoje se firma e se confunde como uma das raízes culturais do estado a ser lembrada para sempre.

Referências

- ALBUQUERQUE, Paulo. **Cantos em Si – Identidade Tocantinense**. Campo Grande: Life, 2017.
- AMORA, Antônio Soares. **A Literatura Brasileira – O Romantismo**. São Paulo: Cultrix, 1967.
- AUERBACH, Erich. **Introdução aos Estudos Literários**. Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1970.
- BOGO, Fidêncio. **O Quati e outros Contos**. Palmas: Kelps, 2009.
- BOSI, Alfredo. 51 ed. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2017.
- CÂNDIDO, Antônio. **A Educação pela Noite e Outros Ensaios**. São Paulo: Ática, 2000.
- CARVALHAL, Tania. **Literatura Comparada**. São Paulo: Ática, 1994.
- CARVALHO, Tereza Ramos de. **Personagens em Trânsito: A Interlocação Literatura e História Social no Tocantins**. São Paulo: Livrus, 2013.
- COUTINHO, Afrânio (org.). **A Literatura no Brasil**. São Paulo: Global, 1997. Vol. 4.
- CRUZ, Creuza. **Cyntia**. Gurupi: Cometa, 1989.
- MARTINS, Mário Ribeiro. **Dicionário Biobibliográfico do Tocantins**. Goiânia: Kelps, 2010.
- MERQUIOR, José Guilherme. **De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira – I**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.
- MOISÉS, Massaud. **História da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2012.
- MOISÉS, Massaud. **A Criação Literária – Poesia e Prosa**. São Paulo: Cultrix, 2012.
- MOREIRA FILHO, Juarez. 2 ed. **Rancho Alegre**. Goiânia: Bandeirante, 2009.
- MOURA LIMA, Jorge. **Serra dos Pilões**. Gurupi: Cometa, 1995.
- SOUZA, Roberto Acízelo de. **Historiografia da Literatura Brasileira: Introdução**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2018.
- ZINANI, Cecil Jeanine Albert. **Produção literária feminina: um caso de literatura Marginal**. AN-TARES: Letras e Humanidades – Vol. 6, No 12, jul/dez., 2014.

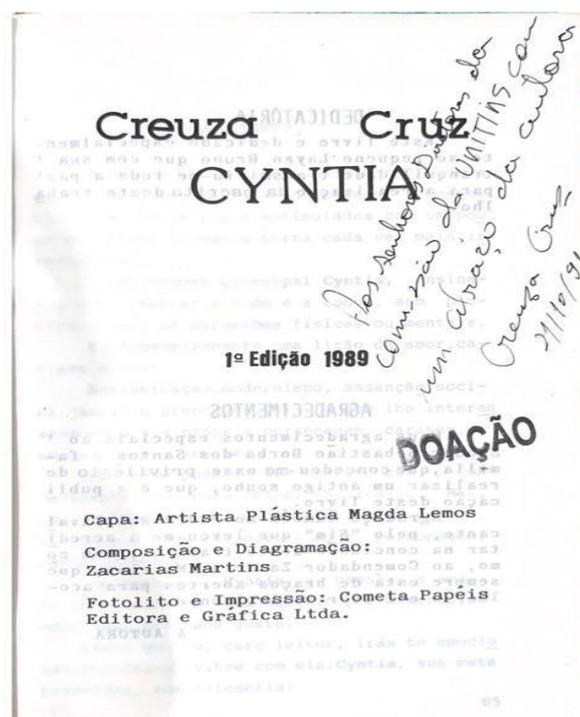
ANEXOS

Figura 1. Capa do livro. Arte em preto e branco, creditada à artista plástica Magda Lemos (vide abaixo).



Fonte: acervo particular.

Figura 2. Folha de rosto de *Cyntia*. Note-se o ano de publicação e a dedicatória da autora. Apesar de constar a expressão “1ª. Edição”, não houve outra edição da obra.



Fonte: acervo particular.

Figura 3. Registro de busca do livro no Sistema de Bibliotecas da UFT. A busca evidencia ter o livro pertencido à Biblioteca Maria Revy Veloso, do Campus de Porto Nacional/TO.

The screenshot shows the 'Portal da Biblioteca UFT' search interface. The search criteria are as follows:

- Autor:** Creuza Cruz
- Biblioteca:** (Desmarcar Selecionados) - 0 Item
- Título:** Cyntia
- Assunto:** (empty)
- Livre:** (empty)
- Idioma:** (Desmarcar Selecionados) - 0 Item
- Material:** (Desmarcar Selecionados) - 0 Item

The search results table is as follows:

| # | Autor | Título | Ano | Biblioteca |
|---|----------------|----------|-------|------------------------------------|
| 1 | Cruz, Creuza.- | Cyntia./ | 1989. | UFT - Biblioteca de Porto Nacional |

Fonte: Site do sistema de Bibliotecas da UFT. Acesso em: 05 de maio de 2023.

Figura 4. Dados sobre Cyntia na biblioteca Maria Revy Veloso do Campus da UFT de Porto Nacional/TO. A informação “0 exemplares” atesta que o livro não mais pertence ao acervo.

The screenshot shows the 'Informações sobre o Título' page for the book 'Cruz, Creuza.-, Cyntia./'. The search criteria are 'Pesquisar Acervo: Creuza Cruz'. The total number of copies is 0.

The detailed information is as follows:

| Descrição do Campo | Campo |
|---|-------------------------------------|
| NÚMERO PARA RESERVA | UFT00081050 |
| NÚMERO DE CHAMADA LOCAL | 869.899.23 C957c |
| AUTOR | Cruz, Creuza.- |
| TÍTULO | Cyntia./ Creuza Cruz.- |
| PUBLICAÇÃO | [S.I.] : Cometa Papéis, 1989. |
| DESCRIÇÃO | 126 p. |
| ENTRADA SECUNDÁRIA DE ASSUNTO--TERMO TÓPICO | Literatura brasileira Romance |
| Áreas do Conhecimento - Classificação | 8.02.06.00-0 |

Fonte: Site do Sistema de Bibliotecas da UFT. Acesso em: 05 de maio de 2023.

Figura 5. Foto da autora à época da publicação, abrangendo toda a contracapa do livro.



Fonte: acervo particular.

CAPÍTULO II

PERSPECTIVA FEMINISTA NA LITERATURA INFANTIL TOCANTINENSE: UMA ANÁLISE DO LIVRO “TRAVESSURAS E MAGIA NO CERRADO ENCANTADO”

Francisca Laylla Pereira de Sousa Lima⁴

Introdução

O hábito da leitura possibilita diversos benefícios tanto no âmbito individual como no social. A leitura estimula a concentração, a criatividade e o senso crítico, amplia o vocabulário e a capacidade de interpretação de textos, além de ser também uma forma de entretenimento. Nesse contexto, esse hábito também está conectado à função pedagógica, pois, segundo Caldin (2002), provoca emoções e serve de instrumento educativo. “A arte literária é um dos caminhos para aprender e apreender, para descobrir os mistérios e os encantos da vida, não é estranha a função pedagógica da literatura infantil” (Caldin, 2002, p. 3).

A Literatura infantil é, antes de tudo, literatura, ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o Mundo, o Homem, a Vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática; o imaginário e o real; os ideais e sua possível/impossível realização (Cagneti, 1996, p.7).

A literatura pode ser uma forte aliada no quesito representatividade e quebra de estereótipos. É o que afirma Kortenhuis e Demarest (1993) ao pontuar que a contação de histórias é um dos métodos mais importantes de transmissão dos valores e normas de uma sociedade para os seus membros.

É importante destacar que o pensamento defendido neste estudo não é sobrepor um gênero a outro, mas sim que eles sejam representados em um plano de igualdade, em que as mulheres possam ser também heroínas, guerreiras, aventureiras e os homens possam chorar, pedir ajuda e demonstrar vulnerabilidade. Entram nesse âmbito direitos, justiça social e equidade.

De acordo com Pastor (2014), a estrutura social do mundo ocidental e as metanarrativas literárias permanecem pré-determinadas pelas mitologias do patriarcado em que “homem” representa a masculinidade e “mulher” a feminilidade. Contudo, a autora também afirma que “mudanças nos significados culturais de gênero também projetam mudanças nas representações de gênero na ficção” (Pastor, 2014, p. 89).

Nesse sentido, este capítulo debruça-se no estudo sobre a presença de elementos feministas na obra literária infantil “Travessuras e magia no Cerrado encantado”, da escritora tocantinense Rhoselly Xavier. O foco da análise é o conteúdo da obra, mas são feitos alguns breves comentários

⁴ Graduada em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal do Tocantins. Servidora efetiva da Unitins. E-mail: francisca.ls@unitins.br

acerca das ilustrações que acompanham a história.

O livro em questão chegou ao meu conhecimento a partir do curso de extensão intitulado “Ciclo de estudos e debates da Literatura Tocantinense”, ofertado na Universidade Estadual do Tocantins (Unitins), em que estive presente como participante. Durante os nove encontros, foram apresentados livros considerados como literatura tocantinense, e fomos instigados a produzir um estudo a partir dessas obras.

O livro “Travessuras e magia no Cerrado encantado” chamou a minha atenção ao retratar mulheres no universo mágico sem a presença de personagens homens e dentro de um contexto de travessuras que, comumente, é associado à figura masculina. Diante disso, pode-se inferir que mudanças sociais em relação às representações de gêneros vêm acontecendo, e isso está sendo refletido na literatura.

O movimento feminista apresenta diversas vertentes, por isso, faz-se necessário destacar que o conceito de feminismo utilizado neste trabalho é o difundido pelo chamado feminismo liberal, igualitário ou ainda tradicional. Portanto, engloba as correntes que defendem a igualdade de direitos entre homens e mulheres.

A realização da pesquisa resultou, primeiramente, de uma revisão bibliográfica para conceituar feminismo, gênero e literatura infantil, bem como para apresentar um breve histórico do surgimento desse gênero literário. Em seguida, foi realizada análise de conteúdo para identificar aspectos do feminismo na obra.

Estereótipos de gênero na literatura infantil

A infância é um conceito que transita ao longo dos séculos mudando a visão de acordo com os costumes e cultura de uma época. Cunha (1999) afirma que a história da literatura infantil começa a se delinear no início do século XVIII, quando a criança passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias.

No contexto brasileiro, a literatura infantil demorou um pouco mais para surgir. Segundo Paço (2009), foi no final do século XIX que começaram a aparecer os primeiros livros para crianças escritos e publicados por brasileiros.

A literatura infanto-juvenil brasileira conheceu, entre as décadas de 70 e 80 uma renovação notável. Mantendo uma intensa destinação pedagógica (O Estado brasileiro constitui o grande comprador de livros infanto-juvenis para distribuir nas escolas), a literatura infanto-juvenil no período não só evidencia aumento e diversidade espetaculares da produção, mas também uma trajetória ideológica de aproximação com a literatura “não infantil” (Zilberman; Lajolo, 1987, p.176).

É importante destacar que a literatura infantil e o pedagógico estão intimamente ligados desde o surgimento desse gênero literário. Zilberman e Magalhães (1982) afirmam que as histórias infantis foram criadas como instrumentos pedagógicos e, sobretudo, ideológicos.

Reforçando esse ponto de vista, Palo e Oliveira (2006) revelam que o livro infantil vem

sendo usado como mais um produto pelo qual os valores sociais são propagados, e as situações imaginárias vividas na ficção são atreladas a conceitos, comportamentos e crenças desejados na vida prática.

Para Ricoeur (1990 *apud* Alcântara; Silva, 2020), o fenômeno ideológico se inicia com a domesticação pela lembrança e conduz ao consenso, no qual se dá a conversão do credo da coletividade. “Uma teoria da motivação social, impulsionada pelo desejo daquele grupo de demonstrar que aquilo que professa tem razão de ser o que é” (Ricoeur, 1990, p. 68). Althusser (1980) declara que a função do aparelho repressivo e ideológico é assegurar a manutenção das relações de produção exploratórias.

É de conhecimento geral que não há imparcialidade total nos processos humanos, pois somos formados por nossa cultura, relacionamentos, trabalho, sistema econômico e diversos outros movimentos que fazemos ao longo da vida. A leitura, ou a falta dela, também contribui nessa aquisição de bagagem. Especificamente sobre a literatura infantil, Dos Santos Júnior e Da Silva (2015) destacam que a literatura infantil é uma ferramenta indispensável no desenvolvimento cognitivo, linguístico e afetivo das crianças.

Apesar de a literatura infantil ser produzida por adultos para as crianças, entendo que elas não são sujeitos passivos e neutros, contudo, é importante que elas tenham acesso à diversidade de papéis de gênero para que as meninas se enxerguem fora dos lugares que historicamente foram atribuídos às mulheres: casamento, tarefas domésticas, cuidados com os filhos.

Mallman, Olinto e Lamas (2022) realizaram um estudo qualitativo e quantitativo sobre a desconstrução de estereótipos de gênero na literatura infantojuvenil onde demonstram que:

Jovens incorporam estereótipos a respeito dos papéis de gênero, especificamente aqueles que impactam suas perspectivas ocupacionais. A autoavaliação e a autoestima das mulheres para as áreas exatas, especialmente a matemática, são mais baixas que as dos homens. Além disso, os estudos mostram que as mulheres tendem a se afastar da tecnologia de informação, área que poucas optam como carreira profissional, embora esta tecnologia possa estar sendo também utilizada para o empoderamento das mulheres (Mallman; Olinto; Lamas, 2020, p. 5).

Esses papéis ocupacionais diferenciados por gênero têm sido reforçados ainda nos contos de fadas, em que a mulher está sempre à espera de um príncipe que irá salvá-la, casar-se com ela e viver felizes para sempre. Ou seja, a felicidade da mulher está intrinsecamente ligada ao casamento e ao ambiente doméstico.

Cinderela, A Bela Adormecida, Rapunzel e A Branca de Neve são exemplos de histórias voltadas para o público infantil que corroboram isso. Segundo a feminista Irigaray (1993), nenhum lugar na História foi designado para as mulheres, pois elas acabavam por existirem na História através de metonímias, como possibilidade para os homens.

Se a leitura infanto-juvenil (e a escolar) expurgou conteúdos que feriam a inocência da infância enquanto categoria etária, foi despidorada na transmissão de valores classistas, racistas e sexistas, preparando a criança

leitora para a posição que ocuparia quando adulta, na hierarquia social, como evidenciam inúmeras pesquisas realizadas em vários países do mundo a partir das décadas de 60 e 70 (Negrão; Pinto, 1990 *apud* Rosemberg; Piza, 2013, p. 214).

Diante do exposto, é possível constatar que a literatura infantil e juvenil está impregnada com a cultura dominante, já que ela foi produzida também, em sua grande maioria, por aqueles que detinham o poder. Mas, essa ausência na literatura de grupos historicamente marginalizados não é recente. Sobre essa carência de diversidade de pontos de vista é observado que:

(...) o que descobrimos até agora não é apenas que a literatura não existe da mesma maneira que os insetos, e que os juízos de valor que as constituem são historicamente variáveis, mas que esses juízos têm, eles próprios, uma estreita relação com as ideologias sociais. Eles se referem, em última análise, não apenas ao gosto particular, mas aos pressupostos pelos quais certos grupos sociais exercem e mantêm o poder sobre outros. (Eagleton, 2003, p. 22).

Por isso, é imprescindível que grupos minoritários, como o das mulheres, também entrem nessa seara e possam contar suas histórias para que as crianças se enxerguem nelas e possam vislumbrar outros papéis para além dos socialmente definidos dentro desse sistema machista e patriarcal. Isto é, descentralizar essas narrativas colocando mulheres como protagonistas e mostrá-las se aventurando e sendo donas da própria vida.

Mas, para que as mulheres possam chegar ao estágio da escrita, elas precisam primeiro se emancipar, como disse Virginia Woolf (1985): “Precisa ter dinheiro e um teto todo dela se pretende escrever ficção” (Woolf, 1985, p. 8). Além disso, muitas precisaram utilizar pseudônimos masculinos, recurso utilizado ainda hoje.

Aquelas poucas que tinham o privilégio de serem alfabetizadas escreviam cartas, e algumas mais do que isso, mas não compartilhavam e muito menos publicavam seus escritos, com algumas exceções, e mesmo assim muitas usavam pseudônimos masculinos, assim como Curren, Ellis e Acton Bell (depois republicados com seus nomes verdadeiros: Emily e Charlotte Brontë) e George Eliot (nunca publicada com seu nome verdadeiro, Mary Ann Evans) (Romanelli, 2014, p. 15).

As mulheres ainda são menos publicadas, seus livros ganham menos prêmios e suas participações em eventos literários são menores, o que evidencia, segundo Romanelli (2014), que as escritoras mulheres e suas obras são menos valorizadas que as escritas pelos homens.

Novamente, cito o estudo de Mallman, Olinto e Lamas (2022) em que elas afirmam que a desconstrução de estereótipos de gênero é uma temática bastante presente nos livros que se enquadram como literatura infantojuvenil. A partir disso, elas presumem que esse fato “parece representar uma tentativa de corrigir a forma como, na maior parte das vezes, as mulheres foram e são retratadas, ou seja, a partir de uma concepção de coadjuvantes da vida em sociedade e das suas próprias vidas” (Mallman; Olinto; Lamas, 2022, p. 12).

Segundo Bandeira e Melo (2010, p. 7), “o movimento feminista nasceu das lutas coletivas

das mulheres contra o sexismo, contra as condições de aversão e inferiorização do feminino, transformadas em práticas rotineiras de subordinação das mulheres”. Nesse sentido, o movimento feminista pode e vem contribuindo de forma ativa para essa quebra de estereótipos de gênero em diversos âmbitos, inclusive na literatura.

O movimento feminista

Segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2015), o verbete “feminismo” significa doutrina ou movimento em favor da ampliação e valorização do papel e dos direitos das mulheres na sociedade. Esse conceito está ligado à vertente do feminismo denominada liberal, igualitário ou tradicional, sendo o conceito utilizado neste estudo.

Para esclarecer ainda mais essa definição, a seguir é exposto o conceito de feminismo liberal retirado do Dicionário da Crítica Feminista:

É um movimento eminentemente reivindicativo que, ao constatar a menoridade a que as mulheres têm sido sujeitas, exige para elas uma uniformidade de direitos. Enquanto parte desfavorecida da sociedade, a mulher tem que ser defendida numa luta que só terminará quando o seu estatuto social e político for considerado equivalente ao do homem (Macedo; Amaral, 2005, p. 76).

Esclareço que, mesmo com a existência hoje de diversas vertentes feministas, a base da luta se converge: a busca por direitos igualitários entre homens e mulheres. O que diferencia uma vertente da outra é a ideia de onde está a raiz da opressão das mulheres.

Para as feministas radicais da década de 1970, a raiz da opressão das mulheres estava no patriarcado. Para Millet (1971), a família e o papel da mulher na procriação seriam a fonte primária da subordinação feminina. Já as feministas socialistas e marxistas apontam o capitalismo como sistema responsável pela exploração e opressão. E o feminismo liberal, terminologia utilizada a partir da década de 1980, designa feministas que enfrentaram a opressão lutando por mudanças político-jurídicas-culturais acreditando que a liberdade era essencial.

Comumente, o movimento feminista é classificado por ondas que variam conforme o período sócio-histórico. Essa nomenclatura ou metáfora das “ondas” foi consolidada como uma maneira de nomear momentos de grande mobilização feminista. A perspectiva das ondas feministas pode nos atentar para as condições de possibilidades que sinalizam a existência e a ampliação de um contrapoder nos períodos específicos de cada uma delas” (Ribeiro, Nogueira, Magalhães, 2021, p. 61).

É importante destacar ainda que esses marcos correspondem, inicialmente, aos interesses de um grupo específico de mulheres: brancas, burguesas e europeias. Contudo, segundo Ribeiro, Nogueira e Magalhães (2021), foram essas condições de privilégios de classe que possibilitaram a visibilizarem suas lutas por direitos básicos.

Apesar disso, a grandiosidade das reivindicações que culminaram nessas chamadas ondas não foi realizada apenas por um grupo específico de mulheres de um determinado local, mas sim da mobilização de vários grupos feministas.

Nenhuma onda formou-se por conta de uma única perspectiva ou por meio da ação de um único grupo, ainda que, em algum dado momento, vários grupos de mulheres tenham decidido lutar em conjunto para potencializar algum ponto presente em suas pautas. Este é considerado o caso das manifestações sufragistas do final do século XIX e início do século XX. Muitos dos grupos que impulsionaram as manifestações formaram-se na segunda metade do século XIX, ganhando as ruas em vários países dali em diante (Zirbel, 2021, p. 11).

A primeira onda feminista aconteceu no final do século XIX e início do século XX, sendo a pauta mais notável a luta pela isonomia e pelo direito das mulheres de votar (sufrágio). O cenário, nessa época, para as mulheres, as impossibilitava de tomar qualquer decisão no âmbito social.

Exploração e controle da vida, das atividades e da sexualidade das mulheres veio a ser a regra, mantida pelos discursos religiosos, filosóficos, econômicos e políticos da Europa no século XIX. A indignação das mulheres aumentou e a ideia de “feminismo” como uma luta de mulheres contra injustiças e por melhoria das suas condições de vida foi se impondo (Fraisie, 1989; Offen, 1988, p. 33).

Essa primeira onda foi se formando em muitos países da Europa e das Américas, sendo, conforme Zirbel (2021), um processo intenso de lutas, materializadas em associações de mulheres, panfletagem, publicações em jornais, manifestações, greves, congressos e passeatas.

Percebe-se como as mulheres foram privadas do poder de decisão sobre o que ocorria na sociedade e no âmbito individual, pois as decisões políticas afetam diretamente a vida dos cidadãos. Essa participação era negada a elas. A classe trabalhadora era a maioria presente nas grandes manifestações e lutava também por melhores condições de trabalho.

Apesar de não formarem um grupo homogêneo e defenderem diferentes opiniões políticas, milhares de mulheres, em diferentes países e momentos distintos, em um dado momento, uniram-se em torno da luta pelo sufrágio. Por meio dela, pretendia-se acessar direitos civis básicos (Zirbel, 2021, p. 14).

A segunda onda iniciou no cenário de guerras. Durante as duas guerras mundiais, na Europa e nos Estados Unidos, muitas mulheres ocuparam postos de trabalho que antes eram providos apenas por homens, como bombeiros, mineiros, mecânicos, condutores de transporte público, dentre outros. Isso aconteceu em razão da falta de mão de obra masculina para atuação nas frentes de batalha durante as guerras.

No intervalo entre as guerras, o tema da maternidade passou a ocupar um lugar de destaque nas discussões públicas e feministas. Somente após a Segunda Guerra Mundial, alguns países concederam às mulheres o direito de votar e, em 1948, a Declaração Universal dos Direitos Humanos reconheceu a igualdade entre os sexos.

Livros e textos com conteúdo feminista atingiam um número crescente de pessoas. Estudos sobre as mulheres e Estudos Feministas começavam a ser organizados, propondo novos temas e questionando os conteúdos tradicionais [...] A ideia de que a sororidade entre mulheres era algo necessário e importante começou a difundir-se (Zirbel, 2021, p. 16).

Em 1949 é publicada a obra “O segundo sexo”, de Simone de Beauvoir, considerada uma das principais referências até hoje no que tange aos estudos sobre feminismo e direitos das mulheres. A famosa frase “não se nasce mulher, torna-se mulher” aparece no segundo volume da obra. E, basicamente, afirma que os papéis de gênero não são definidos biologicamente, mas são inculcados e aprendidos culturalmente.

Anos depois, “A mística feminina”, de Betty Friedan, denuncia o sistema educacional e a publicidade como meios de convencimento e restrição das mulheres ao âmbito doméstico. Em 1970, Robin Morgan editou uma coletânea de textos feministas intitulada “*Sisterhood is Powerful*” (a irmandade de mulheres é poderosa).

Fora do eixo Europa-EUA, o cenário não parecia tão favorável. “Em outras partes do mundo, o colonialismo havia relegado, por meio de suas leis e políticas, a uma condição de inferioridade as mulheres dos países que explorava” (Nakayi, Twesiime-kirya e Kwagala, 2005, p. 267). Contudo, diversos grupos de mulheres organizaram-se e, em meio às lutas anticoloniais, questionaram o sexismo e o racismo a que eram submetidas, conforme afirma Blain (2016 *apud* Zirbel, 2021).

Grupos de conscientização e atividades coletivas foram organizados em praticamente todos os continentes a fim de apoiar mulheres e motivá-las a lutar por melhorias de suas condições de vida. As pautas dos grupos foram ricas e diversas: anticolonialismo, luta anti-racista, valorização do trabalho doméstico, segurança no trabalho, educação, creches, licença-maternidade, lesbianismo, direitos reprodutivos (acesso a métodos contraceptivos, direito a aborto seguro, lutas contra programas de esterilização compulsória de mulheres negras e pobres), violência doméstica, assédio, estupro, etc. (Zirbel, 2021, p. 18).

As pautas feministas, como percebemos, são diversas porque as mulheres são diversas. As opressões podem ser diferentes a depender da cor e classe social, por exemplo. Porém, é possível perceber pontos de convergência, luta contra opressões que atingem a todas, independentemente de classe social, cor, nacionalidade.

De modo geral, dentro desses muitos feminismos, a premissa básica é a mesma: homens e mulheres possuem as mesmas capacidades humanas, por isso, são igualmente merecedores de respeito e de possuírem os mesmos direitos.

Segundo algumas teorias, a terceira onda acontece a partir da década de 1990, quando a mídia começou a rotular as adolescentes como a geração que desfrutava de alguns ganhos sociais, como acesso à educação, escolha de empregos etc., como se o feminismo não fosse mais algo necessário. Contudo, o sexismo ainda era evidente, como denunciou o ensaio escrito por Rebecca Walker (1992).

Mas, para Zirbel (2021), nesse período, a terceira onda ainda não estava formada, se for utilizado o critério “manifestação de massa” para tipificar uma onda. Para ela, a terceira onda só veio a se formar décadas mais tarde. “O uso das mídias sociais para a mobilização ou conscientização tem sido uma característica marcante dessa nova onda” (Zirbel, 2021, p. 23).

Meu pensamento acompanha o da autora, já que nas duas primeiras ondas podemos perce-

ber movimentações de mulheres por diversos locais do mundo. Ela relembra que foi na virada do século XX para o XXI que houve uma forte presença do feminismo em todos os continentes e uma forte atuação de feministas jovens, muitas delas engajadas nas mídias sociais.

Pautas antigas foram acentuadas, de acordo com o contexto das jovens feministas. Para aquelas a quem o acesso à educação, ao saneamento, ao aborto seguro, ao divórcio, à mobilidade básica estava garantido por lei, foi possível focar mais intensamente em outras questões. Para as que não viviam esse tipo de realidade, foi necessário seguir lutando por direitos mínimos de cidadania. Outras pautas seguiram sendo comuns à maioria: a luta contra a exploração, a violência física e psicológica, o feminicídio, a discriminação no trabalho, as jornadas duplas ou triplas, os privilégios masculinos (Zirbel, 2021, p. 23).

As redes sociais deram visibilidade a diversas questões pautadas pelas populações que se enquadram dentro das chamadas minorias, rótulo em que as mulheres se enquadram. Vale ressaltar que o termo não se refere ao quantitativo, mas sim às situações de vulnerabilidade e violências a que são submetidas na sociedade.

Apesar de haver divergências, é notável o quanto o movimento feminista conseguiu angariar direitos que, hoje, temos consciência de que são básicos, como o direito ao voto, direito ao divórcio e a candidatar-se a cargos políticos. Ainda há muito a ser alcançado, especialmente no contexto de violência contra a mulher no Brasil.

Mallman, Olinto e Lamas (2022) resumem bem os caminhos que o movimento feminista tem tomado quando diz que “o feminismo não é único, ele é composto por diversas perspectivas que concordam e discordam entre si, mas que juntas compõem a luta contra a desigualdade de gênero e pela autonomia das mulheres na sociedade”.

A literatura, como uma ferramenta que forma o imaginário social, pode contribuir de forma direta para essa transformação social em que todos sejam respeitados e tenham seus direitos garantidos e assegurados, independentemente de seu sexo e/ou gênero.

Aspectos do feminismo no livro “Travessuras e Magia no cerrado encantado”

O livro infantil “Travessuras e magia no Cerrado encantado”, da escritora tocantinense Rhoselly Xavier, conta a história da fada Fananda e da bruxa Roxili. Elas moram em algum lugar do cerrado, bioma predominante no estado do Tocantins. A narrativa gira em torno das tentativas de Roxili de destruir a flora e a fauna do cerrado, pois ela “detesta as flores do cerrado, detesta o calor e seu quarto é gelado” (Xavier, 2016, p. 11).

O livro todo é escrito em rimas, apresenta ilustrações bastante coloridas, caracterizando bem as espécies do cerrado como, por exemplo, de animais - tatu, jabuti e tamanduá; de árvores - ipês e juás; e frutas típicas - jenipapo, caju e buriti.

A visão de mundo do adulto é passada à criança com alguma condescendência: a inserção de animais e fadas na narrativa ficcional, que servem como disfarce do autoritarismo e valores adultos. Dessa forma, camuflada e temperada com seres que interessam à criança e aguçam sua imaginação, a literatura infantil

se constitui como um suporte pedagógico institucionalizado (Caldin, 2002, p. 3).

As duas mulheres, Fananda e Roxili, são as únicas personagens humanas da história, ou seja, a narrativa possui apenas mulheres, o que confere protagonismo a elas. Logo no título, temos uma quebra de estereótipo de gênero, já que não é comum o termo “travessura” ser usado para adjetivar histórias “de meninas”.

Outro ponto a ser destacado é que a rivalidade entre elas é de cunho ideológico e não por rivalidade feminina que, geralmente, gira em torno da beleza física e/ou disputa por um homem. O estado civil delas nem sequer é mencionado.

Ipês amarelos e roxos floridos
Deixam o cenário bem mais colorido
Juás, angelins e cegas-machado
Forram de flores o chão do cerrado
(Xavier, 2016, p. 8).

Esse é um trecho da descrição do cerrado apresentado na narrativa. Enquanto Fanada quer manter o cerrado com sua flora e fauna, Roxili usa suas habilidades de bruxa para mudar essa configuração, já que prefere ambientes sem flores e sem cores vivas.

Outra compreensão que enquadra o livro dentro da perspectiva feminista é o fato de a narrativa não apresentar descrições dos corpos das personagens, mas sim traços de suas personalidades.

Fananda é engraçada, é meiga e sincera
Tem força e coragem, uma voz tão singela
É trabalhadeira e muito organizada
[...]
Roxili é invejosa e do mal é capaz
(Xavier, 2016, p. 10 e 14).

No desenrolar da história, a bruxa Roxili tenta fazer uma poção mágica para enfeiar o cerrado. É esperado que a personagem vilã realize algum tipo de travessura. O que surpreende é que a Fada Fananda, personagem descrita como meiga e sincera, também faz uma travessura ao entrar escondida na casa de Roxili e alterar a poção da bruxa.

Assim que a cotia contou os planos da bruxa, a fada se preparou para detê-la. Outras palavras pouco usuais na descrição de histórias femininas, mas que aparecem nessa obra, são “armadura” e “guerreira”.

Horrorizada pegou sua varinha,
vestiu sua armadura de fada guerreira
E foi até a casa da bruxa encrenqueira.
(Xavier, 2016, p. 15).

Em uma visão mais realista, a fada Fananda pode se enquadrar como uma ativista pelos direitos ambientais, já que ela é um indivíduo comprometido a proteger as pessoas e as espécies que dependem dos recursos naturais do cerrado. Ou seja, Fananda luta pela proteção do meio ambiente.

O enredo não gira em torno de um homem, a história sequer apresenta um personagem humano masculino, e sim do bem-estar de um local, no caso, do cerrado. Ambas as personagens utilizam seus poderes para transformar o ambiente em que vivem. “Já é possível ver obras que colocam as mulheres em posições de poder sem precisar explicar que elas podem estar ali, mesmo entre as classificadas como desconstrução de estereótipos de gênero” (Romanelli, 2014, p. 12).

Além disso, a narrativa não carece do auxílio da violência para a resolução da problemática. Nem mesmo quando a fada Fananda teve a chance de revidar a bruxa Roxili.

[...] Sua bruxa, maldosa com a gente!
Querendo nosso cerrado enfear
Você se deu mal e vai ter que pagar.
Encanto de amor que há no meu coração,
Transforma em beleza essa aberração!
A bruxa Roxili tornou-se tão bela
Quer mais parecia bondosa donzela.
(Xavier, 2016, p. 26).

Em relação às ilustrações que acompanham a história, há apontamentos que podem ser destacados em relação à falta de diversidade, já que ambas as mulheres são magras e brancas, sendo, inclusive, a fada Fananda loira. Se o intuito é retratar a região, as personagens poderiam ter sido mais bem caracterizadas levando em conta as características físicas da maioria da população que nela reside.

Sobre a importância das ilustrações nos livros infantis, Lajolo e Zilberman provocam:

Se a literatura infantil se destina a crianças e se se acredita na qualidade dos desenhos como elemento a mais para reforçar a história e a atração que o livro pode exercer sobre os pequenos leitores, fica patente a importância da ilustração nas obras a eles dirigidas. (Lajolo; Zilberman, 1988, p. 12).

Acredito que ainda se tem muito para alcançar nas questões de humanidade e direitos igua-

litários para todas as pessoas. Mas não é de um dia para o outro, nem sem lutas, que avançaremos. Para que passos sejam dados nessa direção, é necessário que as novas gerações acessem esses valores, e, como já dito, a literatura infantil se apresenta como uma ferramenta importante.

As obras com foco na desconstrução de estereótipos de gênero buscam desconstruir, de forma explícita ou implícita, um discurso marcadamente focado na supremacia dos homens em relação às mulheres e dos papéis de gênero, indo na contramão dos estímulos que são recebidos recorrentemente por crianças e jovens (Mallmann; Olinto; Lamas, 2022, p. 14).

Diante do exposto, posso afirmar que o livro “Travessuras e magia no Cerrado encantado” se enquadra dentro da perspectiva feminista. Além disso, também apresenta uma desconstrução dos estereótipos de gênero ao retratar mulheres protagonistas, com poderes, que resolvem os seus próprios problemas e angústias.

O fato de esse livro ter sido escrito por uma mulher e trazer a perspectiva feminista não é coincidência, pois, seria muito utópico esperar que esse movimento viesse de quem se beneficia da estrutura social patriarcalista: os homens.

Mais uma vez, reforço a relevância de se ter mulheres produzindo literatura e da importância de consumir, de forma consciente e proposital, essas obras para que sejam divulgadas, conhecidas, e mais mulheres possam se inspirar, se enxergar e ocupar locais fora dos que historicamente lhes foram negados.

Considerações Finais

A escritora nigeriana Chimamanda Ngozie Adiche nos alertou sobre os perigos de uma história única. Quase sempre, essa história é contada e/ou produzida pelo dominador e tem um forte potencial de controlar e aniquilar a autonomia do sujeito. Esse pensamento vai ao encontro do que este estudo se propôs a discutir: apresentar uma outra perspectiva, a das mulheres.

O livro “Travessuras e magia no Cerrado Encantado” traz uma quebra de estereótipos que comumente é visto em contos de fadas. Além de a história apresentar apenas personagens mulheres, o enredo traz a fada do bem fazendo travessuras, a bruxa que não se importa com sua aparência “feia”.

A narrativa também surpreende ao trazer a vingança da fada contra a bruxa sem apresentar nenhum tipo de violência física e quando a própria fada resolve o problema sem precisar esperar por um herói. Ou seja, o enredo não gira em torno de um homem. Diante disso, constatou-se que o livro apresenta uma dinâmica que se enquadra nos moldes feministas e que contribui na desconstrução de estereótipos de gênero aconteça.

Mesmo não conseguindo abarcar toda a pluralidade existente dentro do movimento feminista, estudos como esse trazem visibilidade para pautas do movimento e colocam as mulheres no centro do debate. Mesmo em meio aos avanços, há muito que se caminhar para que o alcance da tão sonhada igualdade entre os gêneros.

O livro “Travessuras e magia no Cerrado Encantado” é, portanto, uma literatura necessária, pois contribui para a mudança nesse cenário social que ainda é bastante permeado pelo machismo e pelo patriarcalismo. A diversidade de visões na literatura é possível também graças ao avanço das mulheres como autoras.

Acredito muito no poder transformador e formador da literatura dentro de uma sociedade. Esse processo envolve não apenas o ato de ler, pois, importa também quem está produzindo esses livros para que haja vozes diversas, para que haja representatividade e, com ela, os caminhos se tornem possíveis para mais gente.

A experiência que tive com a literatura tocantinense dentro do curso de extensão foi surpreendente. Poder ler, debater e estudar obras da minha terra foi um privilégio, abriu o meu olhar para a riqueza que temos, fez-me valorizar os escritores locais e reconectar com minha história.

Referências

ADICHIE, Chimamanda. **The danger of a single story**. Youtube, 7 de outubro de 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZUtLR1ZWtEY>. Acesso em: 7 jul. 2023.

ALCÂNTARA, Guilherme Gonçalves; SILVA, Aline Mariane Ladeia. **Literatura Infantil e Ideologia**. Revista De Direito Da Faculdade Guanambi 7.2 (2020): E305. Web. Disponível em: https://capes-primo.ezl.periodicos.capes.gov.br/primo-zxplora/fulldisplay?docid=TN__cdi_crossref_primary_10_29293_rdfg_v7i02_305&context=PC&vid=CAPES_V3&lang=pt_BR&search_scope=-default_scope&adaptor=primo_central_multiple_fe&tab=default_tab&query=any,contains,literatura%20infantil,AND&mode=advanced&pfilter=creationdate,exact,5-YEAR,AND&offset=0. Acesso em: 2 jul. 2023.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Lisboa: Presença, 1980.

CAGNETI, Sueli de Souza. **Livro que te quero livre**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1996.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **A leitura como função pedagógica: o literário na escola** Reading and its pedagogical function: literature in school p. 20-33. Revista ACB, v. 7, n. 1, p. 20-33, 2002. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/371/443>. Acesso em 25 jun. 2023.

DOS SANTOS JÚNIOR, Moisés Gonçalves; DA SILVA, Marcela Verônica. **Formando pequenos leitores: o direito e o poder da literatura na educação infantil**. Revista Língua & Literatura, v. 17, n. 30, p. 159-174, 2015. Disponível em: <http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistalinguaeliteratura/article/view/1934>. Acesso em: 20 jun. 2023.

IRIGARAY, LUCE. **This Sex Which Is Not One**. New York: Cornell University Press, 1993.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira**. Ática, 1988.

MACEDO, Ana Gabriela; AMARAL, Ana Luísa (Orgs.). **Dicionário da crítica feminista**. Porto: Afrontamento, 2005.

MALLMANN, P. S. P.; OLINTO, G.; LAMAS, T. **Desconstrução de estereótipos de gênero e**

perspectiva feminista na literatura infanto-juvenil: análise de livros publicados no Brasil. XXII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - ENANCIB 2022, Porto Alegre. Disponível em: http://hdl.handle.net/20.500.11959/br_apci/202080. Acesso em: 10 jul. 2023.

PAÇO, Glaucia Machado de Aguiar. **O encanto da literatura infantil no CEMEI Carmem Montes Paixão.** Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Desafios do Trabalho Cotidiano: a educação das crianças de 0 a 10 anos) - Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, p. 50, 2009. Disponível em: http://www.ufrj.br/graduacao/prodocencia/publicacoes/desafios-cotidianos/arquivos/integra/integra_PACO.pdf. Acesso em 16 jun. 2023.

PALO, Maria José; OLIVEIRA, Maria Rosa D. **Literatura infantil:** voz de criança. 4. ed. São Paulo, Ática, 2006.

PASTOR, B. **La literatura infantil como espacio mediador en la educación de género.** Raído - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFGD, [S. l.], v. 8, n. 17, p. 87-104, 2014. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/3630>. Acesso em: 6 jul. 2023.

Pequeno dicionário Houaiss da língua portuguesa/Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, [organizador]; [diretores Antônio Houaiss, Mauro de Salles Villar, Francisco Manoel de Mello Franco]. - 1. ed. - São Paulo: Moderna, 2015.

RIBEIRO, D.; NOGUEIRA, C.; MAGALHÃES, S. I. **As ondas feministas:** continuidades e descontinuidades no movimento feminista brasileiro. Sul-Sul - Revista de Ciências Humanas e Sociais, v. 1, n. 03, p. 57-76, 28 jan. 2021. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/136148/2/496080.pdf>. Acesso em: 5 jul.2023

ROMANELLI, Marina. **A representatividade feminina na literatura brasileira contemporânea /** Marina Romanelli - Rio de Janeiro; UFRJ/ECO, 2014. 51 folhas. Monografia (graduação em Comunicação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, 2014.

ROSERMBERG, F., & PIZA, E. (2013). **As Meninas na Literatura Infanto-Juvenil Brasileira.** Psicologia: Teoria E Pesquisa, 11(3), 213-221. Recuperado de <https://www.periodicos.unb.br/index.php/revistaptp/article/view/17253>. Acesso em: 5 jul. 2023.

WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu.** São Paulo: Editora Nova Fronteira, 1985.

XAVIER, Rhoselly. **Travessuras e magia no Cerrado encantado.** -Rhoselly Xavier. Isabel Freitas, il. -Goiânia:/Kelps, 2016.

ZILBERMAN, Regina; MAGALHÃES, Ligia Cademartori. **Literatura infantil:** autoritarismo e emancipação. São Paulo: Ática, 1982.

ZIRBEL, Ilze. **Mulheres na filosofia:** ondas do feminismo. Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia, v. 7, nº 2, 2021, p. 10-31. Edição eletrônica. ISS: 2526-6187. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/wp-content/uploads/sites/178/2021/03/Ondas-do-Feminismo.pdf>. Acesso em 8 jul. 2023.

CAPÍTULO III

A LITERATURA NO TOCANTINS CONSTRUINDO MEMÓRIAS INDIVIDUAIS E COLETIVAS

Tamires Iwanczuk de Oliveira⁵

Introdução

O presente capítulo tem o objetivo de apresentar indicadores de um projeto de ensino que foi desenvolvido como trabalho de conclusão do curso de Letras - Português Espanhol pela Universidade Unopar Pitágoras Anhanguera no ano de 2022/2. Este projeto busca contribuir nas aulas de ensino médio da educação básica a partir do estudo de obras literárias do Tocantins. Nesse foco, o projeto busca, também, proporcionar a realização de atividades que envolvam a leitura de obras literárias de autores do Estado do Tocantins, sendo estas desconhecidas por muitos educandos, embora façam parte das Academias de Letras de cidades da região.

Com a escassez de circulação e valorização da literatura regional, poucos educandos têm acesso a esse acervo, deixando de conhecer e reconhecer sua própria história e cultura local. Diante disso, a proposta de uma leitura literária visa aproximar os alunos dos acontecimentos, das transformações, da diversidade da cultura que tende a contribuir para a escrita de narrativas do Estado do Tocantins.

Sabe-se, por meio da leitura, que os alunos ampliam seu vocabulário, aprimoram seus conhecimentos em relação ao espaço geográfico do meio em que vivem, desenvolvem o hábito de ler e adquirem maior facilidade de produção de textos. Nesse sentido, destaca-se a importância de os educadores terem apreço pela leitura regional porque ela amplia seus conhecimentos por meio de narrativas que tratam de raízes culturais, de suas memórias de épocas ancestrais e daquelas que são construídas conforme as trajetórias traçadas atualmente.

Diante do exposto, e na perspectiva de que este projeto de ensino constitua uma base incentivadora aos estudos literários, espera-se que ele seja um dos indicadores substanciais ao trabalho pedagógico, podendo, inclusive, ser objeto de adaptações pelos professores que atuam na educação básica do Tocantins.

Definição do tema

O Projeto de Ensino que constitui este capítulo, aborda obras literárias do Estado do Tocantins como valorização das culturas, dos espaços geográficos, da culinária, da natureza, sendo estas representadas por meio das memórias coletivas e individuais realizadas pelas pessoas que são desses locais ou que estiveram de passagem.

⁵ Graduada em Letras Português/Espanhol pela faculdade UNOPAR. E-mail: myrysoliveira@gmail.com

As narrativas possibilitam o resgate das memórias contadas pelos autores selecionados nesse percurso de investigação de pesquisa que abrange tanto as gerações antecessoras quanto as que estão nesse presente momento envolvidas nesse meio de transição espacial e temporal.

Sabe-se, de modo geral, da importância crucial que os textos literários propiciam para a formação de leitores, principalmente quando é uma proposta que dispõe de sugestões de ensino e aprendizagem. Assim, a discussão norteadora deste projeto de ensino é relevante porque propõe a visibilidade e o conhecimento de escritores que ressignificam a produção literária do Tocantins.

Ao serem estimulados, os alunos(as) são de fato integrantes e protagonistas dessas narrativas de valor empírico descritas pelos autores que obtiveram suas vivências nesses espaços, enfatizando seu pertencimento e a ênfase ao não permitir que essas memórias se desfaçam ou se desvançam em um espaço de tempo isolado.

O contexto da justificativa

A justificativa de elaboração do Projeto de Ensino que culminou na escrita deste capítulo tem como foco a relevância da formação de leitores na educação básica, bem como a junção da memória individual e coletiva resgatada em obras regionais.

A abordagem do tema “A literatura no Tocantins construindo memórias individuais e coletivas” configura uma proposta de estudo da literatura tocantinense na intenção de que ela sirva para ser recontada em momentos futuros. Desse modo, entende-se que tornar as obras literárias conhecidas e reconhecidas significa defender a tese de que elas contribuem para o não desaparecimento de memórias que perpassam gerações, além de representar uma maneira de garantir a aproximação e valorização do meio social.

A leitura viabiliza e possibilita a ampliação de vocabulário. Com isso, ao ler um livro os leitores têm o privilégio de criar cenários, aguçar sua imaginação e, por meio desse ato, aprimorar sua maneira de agir em circunstâncias da vida, além de desempenhar com facilidade a fala em público e ampliar seus conhecimentos. No Quadro 1, são apresentadas algumas obras literárias tocantinenses que norteiam as sugestões de estudo do plano de ensino que possibilitou a escrita deste capítulo.

Quadro 1. Obras literárias tocantinenses sugeridas no projeto de ensino

| OBRAS LITERÁRIAS TOCANTINENSES SUGERIDAS NO PLANO DE ENSINO |
|---|
| BRITO, Maciel de. Praças: Centros Públicos de Lazer de Gurupi (Crônicas) . Gurupi, TO: Editora Veloso, 2021. |
| SANTIAGO, Dourival, Gente do Interior . Gurupi-TO. Editora Veloso, 2018. |
| SANTIAGO, Dourival, Pegadas do Sol (Poesias) . Gurupi-TO. Editora Veloso, 2018. |

Fonte: Elaborado pela autora.

Portanto, ler não é só folhear um objeto e admirar figuras, mas ter em mãos aquilo que pode modificar atitudes, construir redes, aprimorar fatos, intervir em argumento, proporcionar discussões, acrescentar excertos, além de permitir um autorreconhecimento pessoal.

Sobre os objetivos e o público-alvo do projeto

O projeto de ensino foi elaborado com o objetivo de aplicação aos alunos do Ensino Médio das escolas da rede estadual da cidade de Colinas do Tocantins, mas, em razão de sua expressividade, ele pode ser aplicado em diferentes instituições de ensino, mediante as respectivas adaptações. Isso se deu em razão da percepção da lacuna observada nesta etapa de ensino, a qual revelou a pouca vivência e o distanciamento dos estudantes com as práticas de leitura e escrita contemplando a literatura do Tocantins.

Ler é abrir uma brecha de infinitas possibilidades na construção do ser humano como cidadão crítico, reflexivo, em busca de novos horizontes principalmente aqueles que são atrelados por um mundo cheio de informações que, ao não serem bem selecionadas, são como acúmulo de estudos. Hoje é de suma relevância auxiliar os educandos a obterem momentos reservados para a leitura de bons livros, pois essa irá prepará-los para o mundo do trabalho e para o convívio social.

O objetivo geral do projeto consiste em colaborar com os educandos do Ensino Médio para a realização de leituras de obras literárias escritas no Estado do Tocantins. Além disso, o projeto busca valorizar a cultura local, resgatar as memórias coletivas e individuais, promover trocas de experiências entre os espaços geográficos, ampliar os conhecimentos dos alunos, bem como aproximá-los de suas gerações antecessoras como forma de que elas não sejam apenas recordações, mas algo que possa ser revivido pelos leitores.

Algumas inquietações a respeito da leitura

Geralmente, a justificativa relacionada à falta de tempo para sentar e ler um livro é dada por muitas famílias. Elas destacam que as crianças estão inseridas no mundo digital e que o hábito de ler não está em seus planos diários.

É fato que as tecnologias possibilitam a aquisição do conhecimento, mas a leitura de um livro, principalmente o literário, é considerado como algo transformador para qualquer cidadão. No entanto, questiona-se, por exemplo: quem trocaria algumas horas de contato com o aparelho celular pela leitura de livros literários?

É fato que não existe uma ampla valorização da leitura de livros, mesmo sabendo que eles sejam necessários para os exames de vestibular. Isso significa que uma minoria de pessoas busca as bibliotecas para a leitura de quaisquer livros. Apesar dessa realidade, os professores sugerem aos seus alunos a leitura de obras literárias como um processo necessário ao conhecimento de mundo.

Há professores que são leitores e admiradores de livros, mas será que eles também apresentam dificuldades em ler um livro e incentivar esse processo aos alunos, familiares e amigos? É fato que somos admiradores de livros e isso nos torna responsáveis pelo exercício de influência nos hábitos de leitura e escrita.

Para sanar essas e outras lacunas, o projeto relatado na composição deste capítulo é visto como algo necessário ao desenvolvimento da leitura, bem como à apresentação de sugestão de

abertura de espaços de leitura, inclusive em escolas da educação básica.

Algumas inferências sobre bases teóricas à prática da leitura

Segundo pesquisas, a década de 1970 refere-se a uma chamada “Crise de leitura”, a qual se deu com ênfase nas dificuldades de aprendizagem em Língua Portuguesa, além do domínio de temas sociais e a partir da leitura literária. Isso ocorreu em razão de dois pontos comuns: o primeiro diz respeito à falta de tempo para desenvolver a prática de leitura; o segundo é a falta de organização desses espaços dentro da escola.

São recorrentes análises acerca das deficiências da maioria dos alunos, como consequência da crise: no geral eles demonstram dificuldades em expressão oral, escrita, pouca familiaridade com a leitura, incapacidade para interpretar textos, e baixo desempenho linguístico, ao final das duas etapas mais importantes. (Faraco; Geraldi, 1984, p. 16).

Substancialmente, os apontamentos promovem a reflexão de que os educadores têm papel crucial nas atividades de mediação de leitura, uma vez que elas apresentam possibilidades de transformação dos estudos.

Para Geraldi (1984), ao tocar no assunto dessa crise com os educandos, não quer dizer que somente o profissional em si tem a plena responsabilidade de que esse fracasso é devidamente um equívoco seu; contudo, nos auxilia compreender que há um déficit em relação à falta de materiais apropriados para a execução dessa proposta didática.

De modo geral, compreende-se que a leitura é muito mais do que uma decodificação de palavras, pois ao ler nos deparamos com uma visão de mundo abrangente, ler nos traz e nos faz seres com maior entendimento do mundo, o que pode somar na promoção e difusão de princípios cidadãos e democráticos.

Para (FREIRE, 1994), a experiência adquirida em seu meio, a visão de mundo, e o conhecimento são extremamente importantes para que haja um resultado naquilo que foi lido:

Martins, ao ampliar a noção de leitura, afirma que ler deve ser considerado um processo de apreensão de símbolos expressos através de qualquer linguagem, portanto, “o ato de ler se refere tanto a algo escrito quanto a outros tipos de expressão do fazer humano, caracterizando-se também como acontecimento histórico e estabelecendo uma relação igualmente histórica entre o leitor e o que é lido (Freire, 1994, p. 27).

O leitor, ao ter contato com a leitura, apresenta relação de identificação com algo que a voz desse texto está explicitando, ou em alguma de suas memórias vividas sozinho ou socialmente se encaixa com alguma situação de sua rotina. Assim, essa prática acaba ficando mais aproximada ao seu contexto.

Aprender a ler é, assim, ampliar as possibilidades de interlocução com pessoas que jamais encontramos frente a frente, e, por interagimos com elas, sermos capazes de compreender, criticar e avaliar, seus

modos de compreender o mundo, as coisas, as gentes, e suas relações. Isto é ler, E escrever é ser capaz de colocar-se na posição daquele que registra suas compreensões para ser lido por outros e, portanto, com eles interagir (Freire, 1994, p. 28).

Ler nos conecta com outros mundos, faz encaixar-nos em espaços de debates, mediações, nos permite obter uma compreensão infinita com as pessoas, nos faz refletir sobre nossas decisões e atitudes acerca de nossa construção de ser e estar no mundo.

Além de seus inúmeros benefícios, a prática de leitura resgata momentos, cenas, lembranças, memórias individuais e coletivas que são construídas e reconstruídas ao longo de nossa trajetória.

Quantas vezes exprimimos, com uma convicção que parece pessoal, reflexões tomadas de um jornal, de um livro, ou de uma conversa. Elas correspondem tão bem nossa maneira de ver que nos espantamos quando descobrimos qual é o autor e que não somos nós, “já tínhamos pensado nisso”, nós não percebemos que não somos se não um eco (Halbwachs, 1990, p. 24).

As memórias construídas individualmente não são propriamente de si mesmos, pois são acontecimentos, vivências ocorridas coletivamente com as pessoas que nos cercam.

Consideramos agora a memória individual. Ela não está inteiramente isolada e decada. Um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade (Halbwachs, 1990, p. 54).

Assim como as narrativas, os gêneros textuais - histórias, poemas, contos, crônicas -, são renovados pela leitura de um novo grupo de pessoas. Isso ocorre porque as lembranças são resgatadas e revividas, metamorfoseadas e ressignificadas.

A história não é todo o passado, mas também não é tudo aquilo que resta do passado, ou, se o quisermos, ao lado de uma história escrita, há uma história viva que se perpetua ou se renova através do tempo e onde é possível encontrar um grande número dessas correntes antigas que haviam desaparecido somente na aparência (Halbwachs, 1990, p. 63).

A memória pode ser individual. Portanto, quando lembramos relatamos um acontecimento e introduzimos nesses fatos os grupos onde estamos inseridos. Para tanto, podemos mencionar as praças, parques, ruas e todos os lugares que acionam nossas memórias. As memórias, por exemplo, do grupo envolvido nas atividades de leitura representam um importante momento da memória coletiva.

Conceder-nos-ão, talvez, que um grande número de lembranças reaparece, porque nos são recordadas por outros homens; conceder-nos-ão mesmo que, quando esses homens não estão materialmente presentes, e possa falar de memória coletiva quando evocamos um acontecimento que teve lugar na vida de nosso grupo e que considerávamos; e que consideramos ainda agora, no

momento em que nos lembramos, do ponto de vista desse grupo. (Halbwachs, 1990, p. 36).

Com a escolha das narrativas culturais de um local, e neste projeto a região do Estado do Tocantins com sua premissa de grandes autores, propõe, além de um resgate a essas memórias, um novo olhar dos leitores atuais, novas práticas da sociedade envolvida que não são transformadas necessariamente, ademais percebidas e descritas por pessoas que ocupam o espaço físico e temporal distinto do que foi proposto no momento da realização dos acontecimentos.

Mas, para mim, entre os dois períodos, não há solução de continuidade. É a mesma sociedade transformada, sem dúvidas por novas experiências, aliviada talvez de preocupações ou preconceitos antigos, enriquecida de elementos, mais jovens, adaptada de algum modo porque as circunstâncias mudaram, mas é a mesma (Halbwachs, 1990, p. 48).

As vivências nos espaços ocorrem em diversas épocas, as memórias são colocadas lado a lado com suas semelhanças e distinções. Os grupos revigoram suas lembranças nos espaços ocupados anteriormente por seus antecessores quando leem ou ouvem uma narrativa que expressa algo de sua região ou cultura que se aproxima de sua realidade e encontra sua identidade ao pertencer a este meio em questão:

Para que possa falar de memória, é necessário que as partes do período sobre o qual ela se estende sejam diferenciadas segundo um critério. Cada um desses grupos tem uma história. Neles distinguimos imagens e acontecimentos. Mas o que nos chama a atenção, é que na memória, as similitudes passam entretanto para o primeiro plano. O grupo, no momento em que considera seu passado, sente acertadamente que pertenceu o mesmo e toma consciência de sua identidade através do tempo (Halbwachs, 1990, p. 59).

Ao nos depararmos com nossas culturas por meio da escrita, nos tornamos participantes dela. Há nesse ato de narrativa uma valorização da culinária, dos espaços e da natureza que resgata as lembranças e que perpetua essa significação para os dias atuais:

A história, sem dúvida, é a compilação dos fatos que ocupam o maior espaço na memória dos homens. Mas lidas em livros, ensinados e aprendidos nas escolas, os acontecimentos passados são escolhidos, aproximados, e classificados conforme a necessidade ou regras que não se impunham aos círculos dos homens que deles guardam por muito tempo a lembrança viva (Perazzo, 2015, p. 80).

Para o autor Todorov (2020), a literatura não deve ser vista como imposta a um público, lida somente no 3º ano do ensino médio para que os alunos tenham um melhor desempenho nos vestibulares.

Cabe ao mediador instigar os educandos ao apreço pela leitura. Afinal, um bom livro permite que os alunos visitem outros lugares somente por meio da leitura, posto que, se “o texto literário não puder nos mostrar outros mundos e outras vidas, então teremos de concordar com Todorov, e dizer que de fato, a literatura está em perigo” (Todorov, 2020, p.12).

Ainda segundo Todorov (2020), a literatura pode realizar diversos benefícios ao ser humano, proporcionando além de saúde, muitas propostas de escolhas, de formação cidadã, além de acrescentar diversos tipos de conhecimento.

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão, quando estamos profundamente deprimidos, nos tornarmos mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo, e nos ajudar a viver” (Todorov, 2020, p. 76).

Os relatos pessoais são lembranças do vivido, sozinho ou com algum grupo de pessoas. Por isso, as trocas de experiência de leitura, conforme as subjetividades de cada pessoa contribuirão para descrever o que mais representa suas comunidades ou individualidade.

Os relatos pessoais são vistos como narrativas do sujeito, artificies da própria história. A oralidade consiste na expressão de lembranças desse sujeito que aciona a sua capacidade psíquica, de rememorar, propriedade humana de conservar certas recordações do passado (Perazzo, 2015, p. 122).

O ser humano está inteiramente ligado ao seu meio, às suas práticas de cultura, suas raízes, aos seus hábitos de lazer e de interesses pessoais, quando se depara com uma narrativa que está interligada a seus afazeres adquire muito mais interesse na busca de colocar essas memórias em seu topo de interesses, pois o “sujeito e a cultura tornam-se fundamentais para a compreensão dos múltiplos sentidos, do processo de comunicação e sua ligação com o cotidiano, com a memória e com as diversas práticas sociais” (Perazzo, 2015, p. 123).

Portanto, todo esse aporte teórico tende a promover a mediação da literatura do Estado com seus participantes, revigorar as diversas memórias, suscitar a leitura das pessoas, atentar para a formação dos educadores e educandos, priorizar também a leitura da literatura regional.

Considerações Finais

Os pontos essenciais do projeto apresentado na constituição deste capítulo são de grande importância para o contexto da Educação Básica, uma vez que propõe aprimorar a prática do ensino literário aos estudantes, além de enfatizar a busca pela leitura de gêneros textuais que fazem parte de seu convívio, de sua cultura.

A temática atrelada à literatura do Tocantins reforça a valorização dos espaços de passagem dos cidadãos que vivenciam as mais variadas mudanças e ressignificações dessa terra e de suas culturas.

O foco em selecionar a Literatura Regional consiste em resgatar, valorizar, modificar e apoiar as memórias individuais e coletivas que perpassam as diversas gerações.

Diante do exposto, o texto constitutivo do projeto ora mencionado não configura uma simples apresentação, mas a construção de um capítulo de livro que, ao ser lido, dará foco a uma sugestão de leitura literária centrada no contexto tocaninense.

Referências

BRITO, Maciel de. **Praças: Centros Públicos de Lazer de Gurupi (Crônicas)**. Gurupi, TO: Editora Veloso, 2021.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Cristina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

GERALDI, João Wanderlei. Concepções de linguagem e ensino de português. In: _____. **O texto na sala de aula**. Cascavel: Assoeste, 1984.

MAIA, Joseane. **Literatura na formação de leitores e Professores**. São Paulo, Paulina, 2002.

PERAZZO, F, Priscila. **Narrativas Oraís de Histórias de Vida**. Comunicação e Inovação, São Paulo, v.16, n. 30, (121-131). Jan-abr. 2015.

SANTIAGO, Dourival. **Gente do Interior**. Gurupi. Editora Veloso, 2018.

SANTIAGO, Dourival. **Pegadas do Sol (Poesias)**. Gurupi- TO. Editora Veloso, 2018.

TODOROV, Tzvetan. **A Literatura em Perigo**. Rio de Janeiro. DIFEL, 2020.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. De Laurent Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

CAPÍTULO IV

EXPLORAÇÃO HUMANA E AMBIENTAL NA OBRA REGIONALISTA DE FIDÊNCIO BOGO: Uma análise dos contos 'O Quati' e 'Matadouro' sob a perspectiva da literatura comparada

Taís Bogo Monteiro da Silva⁶

Leomara Mauricio Lustosa⁷

Introdução

A literatura regional brasileira tem sido palco de reflexões importantes sobre a realidade social e ambiental do país. Nesse contexto, a obra do escritor Fidêncio Bogo se destaca por sua habilidade em retratar a vida no sertão e suas complexidades, apresentando personagens e enredos que evidenciam questões atuais e pertinentes, em uma linguagem simples e de fácil entendimento. Neste trabalho, a proposta é realizar uma análise comparativa dos contos *O Quati* e *Matadouro*, de Fidêncio Bogo, sob a perspectiva da literatura comparada.

A análise comparativa é uma ferramenta utilizada para compreender como diferentes obras literárias dialogam entre si, revelando diferenças e similaridades que podem enriquecer a compreensão das temáticas abordadas. Seguindo nessa linha, será investigado como os contos de Fidêncio Bogo se interrelacionam com o contexto histórico e cultural em que foram escritos, destacando elementos regionais e críticos presentes nas narrativas.

No primeiro tópico, serão apresentados os Fundamentos da Análise Comparativa na Literatura: histórico e atualidade, destacando a importância de considerar o contexto histórico e cultural nas análises comparativas literárias. Será observado como essa abordagem auxiliará a compreender a relação entre os contos de Bogo e a realidade social e ambiental em que estão inseridos.

Continuamente, o próximo tópico será dedicado à apresentação do autor e à análise comparativa propriamente dita dos contos *O Quati* e *Matadouro*. Serão investigados os temas, personagens e ambientes presentes em cada história, buscando identificar paralelos e contrastes entre as duas narrativas. Para ilustrar nossa análise, serão apresentados trechos dos contos que exemplificam essas características. Serão analisados também os recursos narrativos utilizados por Bogo, tais como a linguagem acessível e descritiva, que contribuem para a construção de sua narrativa.

No terceiro tópico, intitulado Exploração Ambiental e Humana na Obra de Bogo, será analisado como sua obra aborda os temas de exploração humana e ambiental, enfatizando a crítica presente nas narrativas e refletindo sobre as consequências dessas ações para o meio ambiente e suas comunidades.

Por fim, será apresentada uma síntese das reflexões discutidas ao longo do trabalho, desta-

⁶ Mestranda em Letras pela UFT em Porto Nacional. Servidora da Universidade Estadual do Tocantins. E-mail: tais.bm@unitins.br

⁷ Graduada em Administração pela Universidade Federal do Tocantins. Servidora da Universidade Estadual do Tocantins. E-mail: leomara.ml@unitins.br

cando as contribuições da análise comparativa para a compreensão da obra de Fidêncio Bogo e suas implicações para as questões sociais e ambientais do Brasil contemporâneo.

Fundamentos da análise comparativa na literatura: histórico e atualidade

O que é literatura comparada? A busca por uma resposta a essa questão leva a uma análise da teoria dos estudos comparados, que envolve definição, natureza, objeto e método. Nesse contexto, a fim de compreender as abordagens e discussões presentes nessa área de estudo, segue um breve histórico sobre o tema, disposto em ordem cronológica dos acontecimentos:

- **Século XIX** – A prática de comparação remonta aos tempos antigos, porém, a literatura comparada como campo acadêmico surgiu no século XIX, impulsionada pelo hábito de comparar estruturas e fenômenos nas ciências naturais, em busca de leis gerais. Nessa época, na França, cursos e estudos foram oferecidos, e alguns destaques incluem as atuações de Noel e Laplace em 1816, François Villemain em 1828, J. J. Ampère em 1830 e Philariète Chasles em 1835 (Silva, 2017). Esses acontecimentos marcaram o início do desenvolvimento da literatura comparada como disciplina.
- **1931** – Paul Van Tieghem apresentou a literatura comparada como uma disciplina especial, destacando-a da literatura geral. Ele definiu seu objeto de estudo como “a pesquisa e a análise das influências sofridas e exercidas” pelas literaturas em suas inter-relações (Silva, 2018).
- **1959** – Cláudio Guillén propôs uma abordagem diferenciada na literatura comparada, enfatizando a importância de considerar na análise das obras não apenas a questão literária, mas também as influências humanas. Ele destacou que a criação artística envolve um movimento entre diferentes realidades, e as influências externas podem interferir no processo criativo de forma significativa (Guillén, 1994, apud Silva, 2018).
- **1961** – Henry H. H. Remark ampliou a definição de literatura comparada ao incluir o estudo das relações entre literatura e outras áreas do conhecimento (Silva, 2018). Essa ampliação provocou debates entre as escolas francesa e americana, levantando questões sobre a ampliação dos estudos, seus limites e as possíveis conexões com a história e a crítica literárias. René Etiemble (1994, apud Silva, 2018), por sua vez, propôs a combinação de métodos históricos e críticos, antes considerados incompatíveis, e enfatizou a análise direta dos textos em si, em vez de questões periféricas, utilizando o método de indução, ele buscou identificar os elementos essenciais que dão forma e caracterizam a obra em sua totalidade.
- **1967** – Victor M. Zhirmunsky (Etiemble, 1994, apud Silva, 2018), levantou a questão da distinção entre literatura universal e literatura comparada, enfatizando a importância de levar em conta a personalidade criativa do autor e a relação da obra com o contexto social e histórico. Ele defendeu a comparação como uma base fundamental para a pesquisa literária, ressaltando a importância de entender historicamente as semelhanças e diferenças entre as obras comparadas, distinguindo analogias de influências literárias.

- **1988** – Adrian Marino, segundo Nitrini (2000, apud Silva, 2018), apresentou uma abordagem dentro da perspectiva hermenêutica, em que utilizou o termo “invariante” para descrever a essência de uma obra literária, buscando revelar as identidades e similaridades que constituem a realidade total da obra, destacando seus aspectos essenciais. Já Dionys Durisin apresentou uma teoria comparatista tipológica, com ênfase no papel da literatura receptora e das classificações tipológicas na compreensão do fenômeno literário (Nitrini, 2000, apud Silva, 2018). Ainda nesta década, a obra *Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura*, de Álvaro Manuel Machado e Daniel-Henri Pageaux, trouxe a importância do “conhecimento do estrangeiro” como base para o campo de estudo comparatista. Eles enfatizaram o diálogo entre culturas e a análise da literatura em seu contexto cultural e sociopolítico. Essa década foi marcada por debates sobre a natureza da literatura comparada e seu papel na compreensão da essência do fenômeno literário em suas diversas manifestações históricas e culturais (Pageaux, 1988, apud Silva, 2018).

Esses marcos históricos trouxeram avanços significativos para a literatura comparada, com autores que apresentaram novas perspectivas e enfoques para o campo, resultando em diversas abordagens e teorias que ampliaram a importância da identificação dos elementos essenciais das obras, das influências literárias, das inter-relações culturais e da compreensão do contexto social e histórico presentes nas obras. Essa diversidade de perspectivas fortaleceu o campo da literatura comparada, enriquecendo a compreensão do fenômeno literário em suas diferentes manifestações históricas e culturais.

Paralelamente ao histórico e aos avanços da literatura comparada no exterior, no Brasil suas raízes também remontam ao século XIX, durante o período do Romantismo. Desde então, estudiosos da literatura brasileira buscaram estabelecer conexões com exemplos e influências externas. Essa prática é confirmada pelas palavras do professor e crítico literário Antonio Candido de Mello e Souza, quando afirma que

A nossa produção foi sempre tão vinculada aos exemplos externos, que insensivelmente os estudiosos efetuavam as suas análises ou elaboravam os seus juízos tomando a esses como ponto de reparo (Mello; Souza, 1988, p. 17).

Assim, a fim de compreender as abordagens e discussões que permeiam essa área de estudo também no Brasil, segue um breve histórico sobre o tema em ordem cronológica dos acontecimentos:

- **Século XIX** – Antes mesmo da institucionalização da literatura comparada como disciplina, historiadores e críticos literários brasileiros praticavam de forma espontânea o comparatismo. Um exemplo é Tobias Barreto⁸, que, no século XIX, abriu um curso de Literatura Comparada em 1886 na cidade de Recife e publicou ensaios críticos sobre literatura alemã. Ele e outros críticos brasileiros, influenciados por comparatistas europeus da época, valorizavam somente as grandes obras em suas análises (Bittencourt, 1996).

⁸ Tobias Barreto (1839-1889), foi um filósofo, escritor e jurista brasileiro. Foi o líder do movimento intelectual, poético, crítico, filosófico e jurídico, conhecido como Escola do Recife, que agitou a Faculdade de Direito do Recife nas últimas décadas do século XIX.

- **Início do século XX** – João Ribeiro⁹ foi o primeiro a deslocar a perspectiva tradicional e trabalhou a literatura comparada como uma atividade de crítica histórica, analisando as relações entre a literatura erudita e popular. Outros críticos, como Otto Maria Carpeaux, Eugênio Gomes e Augusto Meyer, desenvolveram trabalhos em que o comparatismo se destacava, buscando relações e afinidades entre obras literárias (Bittencourt, 1996, apud Carvalhal, 1986).
- **Década de 1930** – A literatura comparada foi introduzida na Universidade brasileira com a fundação da Faculdade Paulista de Letras e Filosofia, que incluía a disciplina de História Comparada das Literaturas Novo-Latinas (Bittencourt, 1996, apud Carvalhal, 1986).
- **Década de 40 a 50** – Aparece a primeira cadeira de Literatura Comparada ministrada por Tasso Silveira¹⁰. Em 1945, a primeira tese em Literatura Comparada foi realizada por Antônio de Salles Campos, e, na década de 1950, professores como Fidelino de Figueiredo se dedicaram a estudos sobre temas ingleses na literatura portuguesa (Bittencourt, 1996, apud Nitrini, 1986).
- **Décadas de 60 e 70** – Antônio Candido de Mello e Souza¹¹ criou o setor de Teoria da Literatura e Literatura Comparada na Universidade de São Paulo e realizou diversos cursos e orientações acadêmicas nesse campo. Candido buscou ainda trabalhar sua atividade crítica e ensaística na perspectiva comparatista, abordando influências literárias e buscando compreender a relação da literatura brasileira com a europeia. Nos anos 70, um importante projeto de estudos comparatistas chamado Léry-Asuu¹² foi consolidado na Universidade de São Paulo e teve como foco o estudo das influências francesas na literatura brasileira. Esse projeto contribuiu significativamente para a compreensão das relações interliterárias entre a França e o Brasil, enriquecendo o campo de estudo da literatura comparada no país. (Bittencourt, 1996, apud Nitrini, 1986).
- **Anos 1980** – Foi realizado em Porto Alegre - RS o “I Seminário Latino-Americano de Literatura Comparada”, momento em que foi criada também a Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC), presidida pela Profa. Tania Franco Carvalhal¹³, da UFRGS, que realizou congressos nacionais com a participação de analistas estrangeiros e pesquisadores brasileiros, consolidando a reflexão própria sobre as relações interliterárias e impulsionando o estudo da Literatura Comparada no país (Bittencourt, 1996).

9 João Batista Ribeiro de Andrade Fernandes (1860-1934), mais conhecido como João Ribeiro, foi um jornalista, crítico literário, filólogo, historiador, pintor e tradutor brasileiro. Foi um membro da Academia Brasileira de Letras.

10 Tasso Azevedo da Silveira (1895-1968), foi um escritor e poeta brasileiro. Foi um dos representantes da ala espiritualista do modernismo brasileiro.

11 Antônio Candido de Mello e Souza (1918-2017), foi um sociólogo, crítico literário e professor universitário brasileiro. Estudioso da literatura brasileira e estrangeira, é autor de uma obra crítica extensa, respeitada nas principais universidades do Brasil.

12 Léry-Asuu foi o nome que os índios tupinambás deram a Jean de Léry, um pastor, missionário e escritor francês que viveu no Brasil entre 1556 e 1558. Ele escreveu um livro chamado Viagem à terra do Brasil, e relatou os conflitos entre os franceses e os portugueses pela posse da colônia da França Antártica, na baía de Guanabara.

13 Tania Franco Carvalhal (1943-2006), foi uma professora, pesquisadora e escritora brasileira, especialista em Literatura Comparada. Se formou em Letras pela UFRGS, fez mestrado, doutorado e pós-doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada, tendo estudado na USP e na Universidade de Paris. Ela foi professora titular da UFRGS e fundadora da Associação Brasileira de Literatura Comparada.

Segundo Cargnelutti e Alós (2019), a partir de 1970, começaram a surgir questionamentos em relação à pretensão de universalidade e ao discurso de apolitização presentes no comparatismo. É possível perceber que essas reflexões levaram a uma abordagem mais contextualizada e interdisciplinar da disciplina, voltando-se para questões locais e relações culturais que proporcionam uma maior diversidade de perspectivas.

Sob a visão de Carvalhal (1991, apud Cargnelutti; Alós, 2019), a Literatura Comparada não deve ser vista como um fim em si mesma, mas como um instrumento de trabalho para colocar em relação textos literários. Esse método visa analisar semelhanças e diferenças, possibilitando a formulação de questões não apenas sobre os elementos literários, mas também sobre aspectos culturais, históricos, ideológicos e sociais que permeiam as obras, tornando-se uma prática essencial de análise e entendimento das produções literárias e suas interações.

Para além disso, Julia Kristeva (1961) introduziu ainda a ideia de intertextualidade, destacando que os textos estão em constante diálogo e se transformam mutuamente, o que revolucionou as relações entre textos literários. A intertextualidade mostra que a literatura é um processo criativo, onde as obras não são apenas influenciadas, mas também participam ativamente na criação de novos significados, abrangendo complexas interações culturais (Almeida, 2012, apud Cargnelutti; Alós, 2019).

É preciso considerar que as teorias geralmente surgem em contextos acadêmicos eurocêntricos e norte-americanos, o que significa que elas são fundamentadas em obras literárias dessas regiões. Por esse motivo, é necessário cuidado ao aplicar essas teorias de forma universal, já que elas tendem a considerar suas próprias literaturas como padrões a serem seguidos, enquanto tratam as demais como “secundárias ou inferiores”:

Além disso, como as teorias têm surgido com mais frequência nos meios acadêmicos onde os estudos literários acham-se mais desenvolvidos, e tais meios localizam-se, por razões predominantemente econômicas, na Europa Ocidental e na América do Norte, elas se baseiam num corpus literário emanado daquele contexto. Assim, ao serem universalizadas, as teorias estão automaticamente erigindo as obras que lhe deram origem como modelares e encarando todas as demais a que forem aplicadas como secundárias ou inferiores. O resultado é uma visão profundamente eurocêntrica e mono cultural da questão, que toma tanto a literatura europeia quanto sua reflexão teórica como grande referencial canônico e atribui às demais produções provenientes de outras regiões a pecha de periféricas (Coutinho, 2006, p. 51-52).

Para Coutinho (2006), assim como a teoria literária, a crítica literária também tem se fundamentado em valores eurocêntricos, baseando-se em um conjunto de obras da tradição ocidental consideradas como padrão, estabelecidas por reflexões teóricas ao longo da história.

É possível constatar que ao longo dos anos, o campo da literatura comparada busca compreender os caminhos trilhados e suas repercussões em outras áreas, adotando uma abordagem mais abrangente, interdisciplinar e plural. A literatura comparada no Brasil tem um papel fundamental em promover essa abertura e pluralidade, incluindo vozes, sujeitos e obras

que foram historicamente desconsideradas e até mesmo marginalizadas e excluídas do cenário literário padrão. A análise comparativa, portanto, revela-se como uma ferramenta essencial para a compreensão da obra de Fidêncio Bogo e suas implicações para as questões sociais e ambientais do Brasil contemporâneo.

Análise comparativa dos contos *O Quati e Matadouro*

Para iniciar a análise dos contos de Bogo, será apresentado um histórico de sua vida e seus feitos, a fim de trazer mais elementos que possam auxiliar a compreensão do contexto histórico e social de suas obras, a partir de suas vivências.

O relato histórico da vida de Fidêncio Bogo pode ser descrito, tomando como base um marco temporal que dividiu sua jornada em dois períodos marcantes, antes e depois de 1976, sendo o ano em que realizou sua mudança para o município de Natividade, até então pertencente ao Estado de Goiás. Em sua chegada nesta cidade, primeiramente atuou como professor de uma escola particular nas turmas do ginásio, que hoje corresponde a turmas do 5º ao 9º ano do ensino fundamental, vindo a assumir o cargo de diretor de escola anos depois, em uma escola estadual. Começava ali uma trajetória de envolvimento com o processo educacional deste Estado ao qual se dedicou durante toda sua vida.

Fidêncio Bogo não chegou sozinho ao então estado de Goiás, trouxe consigo sua companheira Iria, com a qual havia se casado no ano de 1970, e duas filhas. O casal teve mais uma filha já em solo tocantinense.

Antes da mudança de sua terra natal, no ano de 1976, Fidêncio havia se dedicado à vida sacerdotal durante 15 anos, período que antecede o ano de 1968, momento no qual abdicou do sacerdócio. Ainda como Padre, foi diretor do ginásio Missões da Consolata, em Boa Vista - RR, que na época, como território federal, não passava de uma pequena vila. As missões criaram o Ginásio Euclides da Cunha, beneficente, para suprir uma necessidade local. Deste período, registra-se que, durante três 03 anos (1964 a 1967), morou em Roma e por lá concluiu o curso de Mestrado em Filosofia, sendo a Filosofia sua área de formação da graduação.

Fidêncio foi professor, poeta e escritor de grande relevância para a literatura regional e nacional, é autor de uma rica e diversificada obra literária, que abrange diversos gêneros. Seus livros, incluindo "Poesia Um", "Aprendizagem", "O Quati e Outros Contos", "Coluna Presta", "Noções de Teoria da Literatura" entre outros, demonstram sua versatilidade como poeta e contador de histórias. Por meio de suas obras, o autor resgata a identidade regional e apresenta aos leitores um universo de personagens e cenários típicos da região, enriquecendo a cultura e a literatura do Tocantins.

Também na vida profissional, destacou-se como membro da Academia Tocantinense de Letras e da Academia Palmense de Letras; Membro do Conselho Estadual de Educação do Estado; Membro da comissão responsável pelo processo de implantação da Universidade Estadual do Tocantins (Unitins); presidente do Conselho Municipal de Educação de Palmas; Professor da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) no Câmpus Palmas, uma das primeiras universidades

criadas no estado.

Fidêncio entregou ao Estado de Tocantins sua grandiosa contribuição na construção da educação de qualidade. Destacava-se em tudo que se propunha fazer, um estudioso exemplar e um otimista com os avanços que a educação merecia. Foi honrosamente homenageado tendo os títulos de cidadão Nativitano, cidadão Palmense e cidadão Tocantinense.

A história de vida desse homem, que grandiosamente honrou o Estado do Tocantins com a escolha de ter aqui residido e construído história, perdurou 83 anos, findando em 13 de abril de 2015, deixando esposa, filha e netos.

A partir desse ponto serão apresentados os contos objetos da análise desse trabalho: O Quati e Matadouro.

CONTO 1 - O QUATI

Era entre nove e dez horas de um dia ensolarado de outubro. Vindo de Natividade para Porto Nacional, o ônibus da Paraíso, velho, sujo e barulhento, sacolejava pela estrada buraquenta, cuspidando fumaça e levantando uma poeirama dos diabos. Isso em 1982, num ponto qualquer entre Santa Rosa e Silvanópolis.

Como sempre, a geringonça vinha apinhada de passageiros, mercadorias e bagagens – sacos, sacolas, malas, bruacas e toda sorte de pacotes, cheios de toda sorte de bugigangas, que não cabiam no bagageiro e, por isso, disputavam o lugar com os passageiros.

Naquele sufoco, os cheiros que se misturavam ao calor tornavam o ar tão pesado que dava para cortá-lo em fatias. O chulé de mãos dadas com o bodum do sovaco, o cheirinho do xixi dos bebês misturado com o perfume dos pequis (era outubro, lembra-se?), além de outros cheiros difíceis de identificar, transformavam o interior do ônibus num inferno para narinas desacostumadas.

Por isso, foi um enorme alívio quando o motorista deu um grito:

- Olha o quati! E, freando bruscamente o ônibus, desceu correndo para o cerrado.

Foi o que bastou para o coletivo se esvaziar num piscar de olhos, e homens, mulheres e crianças saírem correndo cerrado adentro, onde o animalzinho, assustado, ziguezagueava atarantado por entre as moitas do agreste em busca de uma árvore salvadora. Encontrou-a e subiu rápido. Mas a árvore era pequena e frágil, foi sacudida com violência pela horda de vândalos, e o quati, aterrorizado, despencou lá de cima, olhou apavorado seus carrascos em círculo, viu uma brecha e meteu-se nela.

Não sei por que cargas-d'água meus maus instintos de antigo caçador (ou matador) despertaram num momento e, quando o animalzinho passou ao meu lado, desferi-lhe um bruto pontapé no quarto traseiro que o fez cair e rolar, não sem antes virar-se para mim com a dentuça arreganhada. Rápido, antes que ele se levantasse, peguei-o pela ponta do rabo e ergui-o de cabeça para baixo. Eu saí caminhando triunfante no meio de todos aqueles caçadores improvisados, que dominaram o bichinho e o imobilizaram com a maior facilidade.

Ainda hoje lembro o olhar do quati. Não era ódio. Acho que os quatis não odeiam. Era medo, pânico, era a certeza de que seus dias tinham chegado ao fim. Quem disse que os bichos não têm consciência?

O motorista sorria feliz e lambia os beiços, antegozando o lauto banquete.

Terminada a “gloriosa” batalha, o ônibus roncou e seguiu caminho. Foi aí que eu percebi uma dorzinha no meio da canela direita. Passei a mão e notei que a calça estava toda encharcada, pegajosa e rasgada. Vi sangue na mão molhada. Puxei a perna da calça para cima, olhei a canela e lá estava um corte fundo, do tamanho de minha boca e que começava a doer.

Então pensei no quati e caí em mim. Senti um remorso do tamanho do mundo. Argumentei com o motorista, supliquei que parasse o ônibus e soltássemos o bichinho. Tudo em vão. O resto da viagem foi um tormento – muito mais pelo tardio arrependimento do que pela dor da ferida, que ficava cada vez mais forte.

Chegando ao destino – Porto Nacional – fui ao Hospital São Vicente de Paula para o curativo. Levei cinco pontos e me levaram um bom dinheiro.

Ainda hoje, quando recordo o episódio, sinto um remorso danado e tenho raiva de mim mesmo. Eu era seguramente a pessoa mais culta naquele ônibus. Sabia das coisas. Devia ter-me valido de minha autoridade e impedido o crime. Não! fui o principal criminoso. Não fosse por mim, homem, rei da criação, animal racional, o animalzinho irracional, o quatizinho, estaria vivo e feliz, solto pelo cerrado, inofensivo, emprestando à linda natureza de começo das chuvas a graça de seu jeito maroto e descontraído, pondo vida e movimento na verde placidez da paisagem.

Cinco pontos e uma cicatriz!

(BOGO, 2009, p. 15 a 17).

CONTO 2 - MATADOURO

Imperava num pé de serra perdido nesses imensos sertões brasílicos uma mata secular, parecida com outras matas, mas especialmente rica em espécies vegetais: imponentes troncos que se elevavam altaneiros, pegando o vento e a chuva nas tranças de suas galhadas e dominando a planície e a ladeira por alguns quilômetros.

Eram canelas, perobas, mognos, jatobás, jacarandás, angicos e tantas outras. Essas copas seculares eram as primeiras que o sol beijava ao raiar e as últimas que beijava ao se pôr. O mesmo beija-beija se dava com a lua e as estrelas. Os grandes pássaros, os animais trepadores – macacos, quatis e quejandos – preferiam seus galhos para dormir a sesta, para os momentos de lazer e os instantes de namoro.

A mata era frondosa por causa da fertilidade do solo, regado por dezenas de córregos, límpidos e cantantes, que desciam pelas encostas marulhando por sobre as pedras e lajedos, fazendo cócegas nas raízes das árvores, sobretudo nos tentáculos dos gigantes troncos, companheiros milenares de carícias mútuas no silêncio e solidão daquelas paragens.

A mata era fresca, perfumada, acolhedora e cheia de gorjeios, pios, gritos e chiados de mil passarinhos e insetos, que civilizadamente conviviam com os pássaros e animais de maior porte. Lá os viventes, os grandes, os médios, os pequenos, os micros e os microscópicos coabitavam segundo as leis da natureza há milhões de anos. A mata era uma ama aconchegante.

Um belo dia, chegou o homem, o bípede ereto, o rei da criação, o animal racional. Chegou, viu, examinou e gostou. Para os não irracionais, gostar e gastar são sinônimos.

Logo logo a mata virou uma mamata. Tronco após tronco, as árvores foram impiedosamente abatidas. Quando um dos gigantes da selva tombava, dezenas de arbustos morriam com ele, esfaqueados na queda. Do mesmo modo, animal após animal, pássaro após pássaro, os irracionais habitantes milenares daquelas românticas paragens foram sendo dizimados pelos racionais recém-chegados.

Com a mamata desenfreada, a ama mata antes acolhedora tornou-se uma má mata, uma péssima mata. Não tinha mais como acolher pássaros e insetos. As lianas e cipós, não tendo onde enroscar-se e ir lá em cima abanar as mãos para o firmamento, emaranhavam-se pelo chão, impossibilitando o caminhar pela mata e sufocando as pequenas árvores que buscavam a luz para a nutritiva fotossíntese. A isso se juntava a galharia dos troncos abatidos e as ervas daninhas que começavam a germinar como por encanto.

Mas a grande mamata que fez da ama mata uma má mata fez ainda pior. Foi quando os racionais descobriram que, por entre o cascalho dos córregos, já não mais tão cristalinos e cantantes, havia pepitas de ouro no solo. Pepitas do vil metal, aos mil. Ouro e mais ouro. O dorso da mãe terra ficou uma ferida só. A água, barrenta, envenenada pelo mercúrio. A vegetação, destrozada, raquítica. A erosão abrindo crateras e soterrando a planície, agora árida, desertificada, inóspita.

Foi uma loucura. Era tanto o ouro que a mata foi chamada de Mata d'Ouro. E os habitantes das redondezas, que viviam na fartura graças ao que retiravam da mata: madeira, essências, carne, peles e outras prodigalidades, ficaram ainda mais abastados. Tão abastados que, aos poucos, foram ficando abastados, bestificados pela ganância, como é praxe entre os racionais. Se rico pára de enriquecer acha que está ficando pobre. E aí é um deus nos acuda. E foi um deus nos acuda.

Assim, a ama mata virou madrasta. Acabada a mamata, a mata tornou-se uma péssima mata. O verde repousante das árvores e o relaxante marulhar dos córregos deram lugar ao vermelho do sangue. O emaranhado de lianas e galhos retorcidos no chão prestavam-se às mil maravilhas para as tocaias: um animal racional tocaiaando e espingardeando o outro. A mata d'ouro, tão pródiga e acolhedora, virou um matadouro. E agora jaz abandonada, deserta, depredada, poluída, hostil a tão acolhedora mata de anos atrás.

Quem sabe, um dia, os animais racionais sejam menos racionais e mais animais, ou mais vegetais, ou mais naturais. Se isso acontecer, por certo daqui a novecentos e noventa e nove anos e novecentos e noventa e nove meses e novecentos e noventa e nove dias e novecentas e noventa e nove horas e outros tantos minutos e segundos a mata volte a ser o que era antes da chegada do primeiro animal racional. Mas isso será para nossos trinta ou quarentinetos, se o planeta terra resistir e existir até lá.

E pensar que desde há milhões de anos os vegetais e os animais irracionais viveram na ama mata e ela era uma ótima mata, uma verdadeira mata de ouro.

(BOGO, 2009, p. 61 a 63).

Primeiramente, serão apresentados elementos que caracterizam os contos “O Quati” e “Matadouro” como regionalistas, significando que os textos valorizam as particularidades culturais, sociais e geográficas de uma região específica. Vamos analisar como esses elementos estão presentes nos contos:

1 - Ambientação geográfica: Ambos os contos se situam em ambientes geográficos específicos do Brasil. “O Quati” se passa no cerrado tocantinense, em uma estrada entre as cidades de Natividade e Porto Nacional, no cerrado Tocantinense. Já “Matadouro” se passa em uma mata em algum lugar dos sertões brasileiros. A escolha dessas localidades específicas demonstra a preocupação do autor em retratar a realidade regional e suas características locais distintas.

2 - Retrato das paisagens e da natureza local: Tanto em “O Quati” quanto em “Matadouro”, há descrições detalhadas das paisagens e elementos naturais presentes nas regiões retratadas. O autor destaca a vegetação, os córregos, a fauna e a flora locais, proporcionando ao leitor uma imersão na atmosfera regional e em sua relação com o ambiente natural. Seguem alguns exemplos das descrições das paisagens e da natureza local presentes nos contos:

a) Em “O Quati”: “No meio da estrada de chão batido, subindo o morro que levava à casa, uma ema empoleirada num tronqueira, a olhar o mundo lá longe, bem no rumo do sol, que já nascia” - descrição da paisagem com a presença da ema, característica da região e “O sol batia inclemente na estrada empoeirada, cujo entorno era recoberto por árvores secas e retorcidas pelo tempo.”, descrição da paisagem árida e das árvores típicas da região).

b) Em “Matadouro”: “Imperava num pé de serra perdido nesses imensos sertões brasílicos uma mata secular, parecida com outras matas, mas especialmente rica em espécies vegetais: imponentes troncos que se elevavam altaneiros, pegando o vento e a chuva nas tranças de suas galhadas e dominando a planície e a ladeira por alguns quilômetros.”, descrição da mata com sua vegetação variada e “Eram canelas, perobas, mognos, jatobás, jacarandás, angicos e tantas outras. Essas copas seculares eram as primeiras que o sol beijava ao raiar e as últimas que beijava ao se pôr. O mesmo beija-beija se dava com a lua e as estrelas.”, descrição das diferentes árvores e da interação delas com o sol e a lua.

Esses exemplos destacam a habilidade de Fidêncio Bogo em retratar as paisagens e a natureza local em seus contos, proporcionando ao leitor uma rica experiência visual e sensorial, e aproximando-o das características únicas das regiões onde as histórias se passam.

3 - Vocabulário e expressões regionais: Bogo utiliza termos e expressões típicas da região onde os contos se passam, conferindo um caráter regionalista à narrativa. Essas expressões po-

dem incluir gírias, dialetos, expressões populares e referências culturais características da região retratada. No conto “o Quati”, por exemplo, Bogo utiliza vocabulário e expressões como: “Quati”, nome regional dado ao animal protagonista do conto, um mamífero encontrado em algumas regiões do Brasil; “Tronqueira”, referência a uma cerca ou porteira feita de troncos de árvores, comum em áreas rurais; “Puxadinho”, termo que pode ser usado para descrever uma construção simples e improvisada, geralmente anexada a uma estrutura principal e “Capiáu”, termo utilizado para se referir a uma pessoa do campo, geralmente trabalhador rural, dentre tantos outros. Já no conto “Matadouro” a forma como descreve a mata como “imponentes troncos que se elevavam altaneiros”; menciona as árvores como “canelas, perobas, mognos, jatobás, jacarandás, angicos”, são exemplos de termos provavelmente comuns na região sertaneja retratada.

4 - Retrato das relações sociais e culturais: Os contos abordam aspectos das relações sociais e culturais presentes nas regiões em que se passam. Em “O Quati”, por exemplo, são mencionados o motorista e os passageiros de um ônibus, suas condições de viagem e os cheiros característicos do ambiente. Em “Matadouro”, o autor descreve a comunidade local e a forma como os moradores interagem com a mata e seus recursos.

Esses elementos contribuem para criar uma atmosfera autêntica e identitária, explorando as particularidades da região retratada e ressaltando a importância de preservar e valorizar a cultura e o meio ambiente local. Essa abordagem enriquece as narrativas, tornando-as mais representativas da realidade regional e proporcionando ao leitor uma experiência mais imersiva na cultura e nas paisagens específicas do local retratado.

Para além disso, será realizada uma análise literária dos contos, abordando elementos como enredo, tempo, espaço, ambiente, personagens, tipo de narrativa, vozes narrativas, recursos narrativos, temáticas e estilo, elementos estes que contribuem para a identificação dos aspectos da construção da história, e para a compreensão das reflexões propostas pelo autor em suas obras. Segue o quadro:

Quadro 1. Quadro de análise comparativa dos contos *O Quati* e *Matadouro*

| | O Quati | Matadouro |
|--------|---|--|
| Enredo | Gira em torno do episódio ocorrido em um ônibus entre Natividade e Porto Nacional. O incidente se desenrola quando o motorista avista um quati, e os passageiros reagem de forma frenética, perseguindo o animal no cerrado. O narrador se envolve nessa caçada, captura o quati e, posteriormente, se arrepende de suas ações. O enredo é centrado no conflito entre a crueldade humana e o remorso do narrador. | Gira em torno da transformação de uma mata exuberante em um ambiente degradado devido à exploração desenfreada do homem. A história apresenta uma mudança significativa, passando da descrição da beleza natural para a destruição causada pela ganância humana. |

| | | |
|-------------------|---|---|
| Tempo | O conto se passa em um dia ensolarado de outubro, em 1982. O tempo é apresentado de forma linear, seguindo a sequência dos eventos narrados. A história ocorre em um curto período, desde o momento em que o ônibus parte até a chegada a Porto Nacional. | O tempo narrativo do conto abrange um período em que a mata vai do seu estado inicial de beleza à sua devastação. Não há uma especificação exata do tempo decorrido, mas é sugerido que a transformação ocorre rapidamente, devido à exploração intensiva. |
| Espaço | O espaço principal da narrativa é o ônibus em movimento, percorrendo a estrada entre Natividade e Porto Nacional. O ambiente é descrito como abafado, desconfortável e repleto de odores desagradáveis. Além disso, a ação se desenrola no cerrado para onde os passageiros fogem em busca do quati avisado pelo motorista. | O conto se passa em um pé de serra nos sertões brasileiros. O espaço é delimitado, focando principalmente na mata e nas características naturais presentes nela. |
| Ambiente | O ambiente no ônibus é retratado como sufocante devido ao calor, à superlotação, aos cheiros misturados e à poeira levantada pelo veículo. Essa atmosfera claustrofóbica contribui para a sensação de desconforto e tensão no conto. | O ambiente inicial é retratado como uma mata exuberante, com árvores imponentes, córregos límpidos e uma variedade de espécies vegetais e animais. No entanto, com a exploração humana, o ambiente se transforma em um cenário devastado, com árvores derrubadas, lianas emaranhadas e córregos poluídos. |
| Personagens | O conto apresenta principalmente dois tipos de personagens: o narrador e os passageiros/motorista do ônibus. O narrador é o protagonista que narra os eventos e expressa seu remorso posteriormente. Os passageiros e o motorista do ônibus são coadjuvantes que reagem à situação do quati e fogem em busca do animal. | Não há personagens individuais com histórias próprias no conto. Os elementos principais são a mata, os animais e o homem, que representa a ação humana predatória. A ênfase está na descrição do ambiente e nas interações entre os elementos naturais. |
| Tipo de narrativa | O conto segue uma narrativa ficcional, com uma história curta e autônoma que se desenvolve em um único evento. É narrado de forma direta, linear, sem grandes digressões ou interrupções, acompanhando a sequência cronológica dos eventos. | O conto apresenta uma narrativa linear, seguindo uma progressão temporal que evidencia a transformação do ambiente natural, sem saltos ou flashbacks. A história é contada de forma cronológica. |
| Vozes narrativas | O conto é narrado por um único protagonista, que também é o personagem principal da história. A voz narrativa é em primeira pessoa, o que permite ao leitor ter uma visão direta dos pensamentos, emoções e perspectivas do narrador. | A voz narrativa é única, sendo um narrador onisciente que relata os eventos ocorridos na mata e a degradação provocada pela ação humana. A voz narrativa é em terceira pessoa, externa aos personagens do conto, apresentando os eventos. Não há vozes narrativas múltiplas ou alternância entre diferentes perspectivas. |

| | | |
|---------------------|--|--|
| Recursos Narrativos | O autor utiliza recursos narrativos como a descrição vívida dos odores no ônibus, a utilização de diálogos para transmitir a reação dos passageiros e o uso de imagens sensoriais para transmitir a sensação de calor, sufocamento e tensão. Além disso, o autor emprega a técnica do contraste entre o ambiente caótico e opressivo do ônibus e a liberdade do cerrado para destacar o dilema moral enfrentado pelo narrador. | O autor utiliza recursos descritivos para retratar a mata em seus diferentes estados, criando imagens vívidas na mente do leitor. Além disso, faz uso de metáforas, como a comparação da mata com uma “ama aconchegante” e sua transformação em um “matadouro”, para intensificar a expressão dos sentimentos e a crítica à ação humana. |
| Temáticas | Destacam-se a crueldade humana, o remorso, a consciência animal e a reflexão sobre a relação entre o ser humano e a natureza. A narrativa coloca em evidência a ação impulsiva do narrador, seguida pelo seu arrependimento tardio, questionando assim a moralidade e as consequências dos atos humanos. | São abordadas a degradação ambiental, a exploração desenfreada dos recursos naturais, a ganância humana e a necessidade de preservação da natureza. O conto faz uma crítica contundente à ação humana que leva à destruição dos ecossistemas. |

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023).

No Quadro 2, são apresentados trechos das obras que ilustram os elementos abordados no Quadro 1. Vejamos:

Quadro 2. Quadro de elementos ilustrativos dos contos analisados.

| | O Quati | Matadouro |
|----------|--|--|
| Enredo | “Naquele sufoco, os cheiros que se misturavam ao calor tornavam o ar tão pesado que dava para cortá-lo em fatias. [...] Foi um enorme alívio quando o motorista deu um grito: ‘Olha o quati!’” | “Um belo dia, chegou o homem, o bípede ereto, o rei da criação, o animal racional. Chegou, viu, examinou e gostou. Para os não irracionais, gostar e gastar são sinônimos. Logo logo a mata virou uma mamata.” |
| Tempo | “Era entre nove e dez horas de um dia ensolarado de outubro.” | “A mata d’ouro, tão pródiga e acolhedora, virou um matadouro.” |
| Espaço | “Vindo de Natividade para Porto Nacional, o ônibus da Paraíso, velho, sujo e barulhento, sacolejava pela estrada buraquenta.” | “Imperava num pé de serra perdido nesses imensos sertões brasílicos uma mata secular...” |
| Ambiente | “O chulé de mãos dadas com o bodum do sovaco, o cheirinho do xixi dos bebês misturado com o perfume dos pequis, além de outros cheiros difíceis de identificar, transformavam o interior do ônibus num inferno para narinas desacostumadas.” | “A mata era fresca, perfumada, acolhedora e cheia de gorjeios, pios, gritos e chiados de mil passarinhos e insetos...” |

| | | |
|---------------------|--|--|
| Personagens | “Eu, um caboclo simples e desgarrado no mundo, vivia com minha cachorrinha, que me fazia companhia naquela longínqua terra do Brasil Central.” | “Eu, um simples morador dessa região, testemunhei a transformação dessa mata acolhedora em um verdadeiro matadouro, onde homens racionais tornaram-se bestiais pela ganância desenfreada.” |
| Tipo de narrativa | “Eu sempre tive um coração sensível para os animais, e aquela cena me tocou profundamente.” | “Naquele dia, ao adentrar a mata, deparei-me com uma paisagem devastada, testemunho da ganância humana e da crueldade para com a natureza.” |
| Vozes narrativas | “Eu, um caboclo simples e desgarrado no mundo, vivia com minha cachorrinha, que me fazia companhia naquela longínqua terra do Brasil Central.” | “Eu, um simples morador dessa região, testemunhei a transformação dessa mata acolhedora em um verdadeiro matadouro, onde homens racionais tornaram-se bestiais pela ganância desenfreada.” |
| Recursos Narrativos | “Ainda hoje lembro o olhar do quati. Não era ódio. Acho que os quatis não odeiam. Era medo, pânico, era a certeza de que seus dias tinham chegado ao fim. Quem disse que os bichos não têm consciência?” | O autor utiliza recursos descritivos, metáforas e outras figuras de linguagem para enriquecer a narrativa: “A mata era uma ama aconchegante.” |

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023).

Aplicando-se os preceitos da Literatura Comparada fica comprovado que existem pontos de aproximação entre os contos “O Quati” e “Matadouro”, de Fidêncio Bogo, tanto tematicamente, quanto em termos de estrutura narrativa. Vejamos alguns desses pontos de correlação:

1 - Questão ambiental: Ambos os contos abordam a relação entre os seres humanos e o meio ambiente, evidenciando os impactos negativos das ações humanas na natureza. Enquanto “O Quati” retrata a perseguição e captura de um animal em seu habitat natural, “Matadouro” apresenta a degradação de uma mata devido à exploração desenfreada dos recursos naturais. Ambos os contos destacam a importância da preservação ambiental e da convivência harmoniosa entre humanos e natureza.

2 - Consciência ecológica: Tanto em “O Quati” quanto em “Matadouro”, os personagens refletem sobre as consequências de suas ações e demonstram um despertar de consciência em relação à preservação ambiental. No primeiro conto, o protagonista sente remorso por ter machucado o quati e lamenta o seu papel na destruição da natureza. Já em “Matadouro”, o tom reflexivo ao final do conto sugere uma conscientização dos danos causados ao meio ambiente e a possibilidade de uma mudança de atitude.

3 - Crítica à ganância humana: Os dois contos apresentam uma crítica à ganância e ao desrespeito pelo meio ambiente por parte dos seres humanos. Em “O Quati”, o protagonista reflete sobre sua própria crueldade e ganância ao maltratar o animal, enquanto em “Matadouro”, a narrativa evidencia a transformação da mata exuberante em um cenário de

devastação devido à busca desenfreada por riquezas.

4 - Estilo narrativo: Bogo utiliza uma linguagem simples, porém expressiva, nos dois contos. Sua escrita é marcada por descrições vívidas que ressaltam as sensações e emoções presentes nas histórias. Essa abordagem estilística contribui para a imersão do leitor nas narrativas e para a transmissão das mensagens propostas.

Portanto, “O Quati” e “Matadouro” apresentam pontos de aproximação temáticos e estruturais, abordando questões ambientais, a consciência ecológica, a crítica à ganância humana e compartilhando um estilo narrativo envolvente. Esses pontos de correlação evidenciam o olhar sensível do autor para as interações entre humanos e natureza, bem como sua preocupação em despertar reflexões sobre a preservação do meio ambiente e a necessidade de uma postura mais ética e consciente em relação ao planeta.

Exploração ambiental e humana na obra de Bogo

As temáticas abordadas nos contos incluem a crueldade e a ganância humana, a degradação ambiental, a exploração desenfreada dos recursos naturais e o arrependimento, levando à reflexão sobre o impacto das ações humanas na natureza, a valorização da vida animal, a necessidade de preservação da natureza e a importância do despertar da consciência ecológica.

No conto “O Quati”, a questão ambiental é abordada por meio da representação do impacto das ações humanas na natureza. O ambiente do ônibus, sujo, barulhento e lotado, demonstra uma falta de cuidado com o espaço compartilhado. Além disso, a perseguição e captura do quati exemplificam a forma como os seres humanos muitas vezes tratam os animais e interferem em seus habitats. Esse tema se relaciona com as discussões atuais sobre conservação da biodiversidade, preservação de habitats naturais e a necessidade de uma convivência harmoniosa entre humanos e animais.

No conto “Matadouro”, a questão ambiental é apresentada de forma mais ampla. A descrição inicial da mata exuberante e cheia de vida contrasta com a degradação causada pela ação humana, com o desmatamento desenfreado, a exploração de recursos naturais e a contaminação do solo e da água. Esse conto traz à tona a questão da devastação ambiental e seus efeitos, ressaltando a importância da preservação dos ecossistemas e do equilíbrio ambiental. No contexto atual, essa discussão se alinha com a preocupação global com a sustentabilidade, as mudanças climáticas e a necessidade de uma gestão responsável dos recursos naturais.

Em termos morais, ambos os contos levantam questões éticas relacionadas às ações humanas e suas consequências. Em “O Quati”, o protagonista sente remorso e arrependimento por ter agredido o animal, refletindo sobre a crueldade humana e o impacto de suas escolhas. Isso remete a um debate contemporâneo sobre a ética animal e os direitos dos animais, que questiona a forma como os seres humanos tratam outras espécies e defende a proteção e o respeito aos animais. Já em “Matadouro”, a questão moral está intrinsecamente ligada à ganância humana e ao desrespeito pela natureza. O conto critica a busca desmedida pelo lucro, que leva à destruição ambiental e à perda de harmonia entre humanos e o meio ambiente. Essa reflexão moral está alinhada com

as discussões sobre responsabilidade social e ética ambiental, destacando a importância de uma abordagem sustentável nos negócios e nas interações humanas com o meio ambiente.

Tanto “O Quati” quanto “Matadouro” trazem à tona questões ambientais e morais que são amplamente debatidas nos dias atuais, como a conservação da biodiversidade, a sustentabilidade, os direitos dos animais, a ética ambiental e a responsabilidade social. Esses contos nos convidam a refletir sobre nossas ações e seu impacto no mundo ao nosso redor, buscando uma postura mais consciente e responsável em relação à natureza e aos seres vivos que compartilham o planeta conosco.

Considerações Finais

Com base na análise literária dos contos “O Quati” e “Matadouro”, de Fidêncio Bogo, a abordagem comparatista revelou-se de extrema importância para a compreensão da obra do autor e de suas implicações nas questões sociais e ambientais do Brasil contemporâneo. Ao aplicar os preceitos da Literatura Comparada foram identificados pontos temáticos e estruturais que evidenciaram a sensibilidade de Bogo para as relações entre humanos e natureza, bem como sua preocupação em despertar reflexões sobre a preservação ambiental e a necessidade de uma postura ética em relação ao meio ambiente.

Por meio da comparação entre os contos, é possível constatar que Fidêncio Bogo possuía uma escrita singular, capaz de retratar a complexidade das questões ambientais e sociais de seu tempo. A análise comparativa permitiu destacar a relevância da consciência ecológica presente em ambos os contos, assim como a crítica à exploração desenfreada dos recursos naturais e à ganância humana, temas que se mostram cada vez mais urgentes em nossa realidade contemporânea.

Além disso, a abordagem comparatista também revelou a atualidade das obras de Bogo, convidando o leitor a refletir sobre sua própria relação com o meio ambiente e a adotar uma postura mais responsável e ética, a repensar suas ações e a buscar soluções para os desafios socioambientais que se apresentam cotidianamente.

Portanto, a análise comparativa dos contos de Fidêncio Bogo nos permite compreender melhor o trabalho do autor e ainda proporciona uma oportunidade valiosa de reflexão e conscientização sobre as questões sociais e ambientais que permeiam nossa sociedade. Através da literatura, Bogo nos instiga a olhar para o mundo ao nosso redor com um olhar mais atento e responsável, buscando contribuir para a construção de um futuro mais sustentável e justo.

Referências

ALMEIDA, Maria Cândida Ferreira de. **Transmissão e relação**: pensando um sistema para os muitos métodos da Literatura Comparada. *Ângulo* (FATEA). n. 130.

BITTENCOURT, Gilda Neves da Silva. **A literatura comparada no Brasil**. *Organon*, Porto Alegre, v. 12, n. 23-24, p. 5-14, 1996. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/174037/000156356.pdf?sequence=1>. Acesso em: 18 jul. 2023.

BOGO, Fidêncio. **O Quati e outros Contos**. 3ª Ed. Palmas-TO: Kelps, 2009.

CARGNELUTTI, Camila Marchesan; ALÓS, Anselmo Peres. **Do universal ao plural**: transformações teóricas no campo da Literatura Comparada. *SocioPoética* (Online), v. 1, n. 8, p. 1-12, 2019. Disponível em: https://www.academia.edu/40310391/Do_universal_ao_plural_transforma%C3%A7%C3%B5es_te%C3%B3ricas_no_campo_da_Literatura_Comparada. Acesso em: 18 jul. 2023.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada**: a estratégia interdisciplinar. *Revista brasileira de literatura comparada*. n. 1, p. 9-21, 1991.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada**. São Paulo, Ática, 1986. Série Princípios.

COUTINHO, Eduardo. **Literatura comparada**: reflexões sobre uma disciplina acadêmica. *Revista brasileira de literatura comparada*. n. 8, p. 41-58, 2006.

ETIEMBLE, René. Crise da literatura comparada? Tradução Lúcia Sá Rabelo. In: COUTINHO, Eduardo F.; CARVALHAL, Tânia Franco (orgs.). **Literatura comparada**: textos fundadores. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

GUILLÉN, Cláudio. A estética do estudo de influências em literatura comparada. Tradução Ruth Persice Nogueira. In: COUTINHO, Eduardo F.; CARVALHAL, Tânia Franco (orgs.). **Literatura comparada**: textos fundadores. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MELLO E SOUZA, Antonio Candido. Literatura e cultura de 1900 a 1945. In: **Literatura e sociedade**. 5. ed. Editora Nacional, 1976.

MELLO E SOUZA, Antonio Candido. **Palavras do homenageado**. Anais do I Congresso ABRALIC. Porto Alegre, UFRGS, 1988.

NITRINI, Sandra. **Em torno da literatura comparada**. *BOLETIM BIBLIOGRÁFICO*. São Paulo, Biblioteca Mário de Andrade, v. 47, n. 1/4, jan/dez 1986.

NITRINI, Sandra. **Literatura comparada: história, teoria e prática**. São Paulo: Edusp, 2000.

SILVA, Joseane Maia Santos. **Literatura na perspectiva de olhares comparatistas**. *Revista de Letras JUÇARA, Caxias - Maranhão*, v. 01, n. 08, p. 01-10, 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/327085195_Literatura_na_perspectiva_de_olhares_comparatistas/fulltext/5b776ea0a6fdcc5f8b510002/Literatura-na-perspectiva-de-olhares-comparatistas.pdf. Acesso em: 17 jul. 2023.

CAPÍTULO V

A LITERATURA TOCANTINENSE EM TRÊS VOZES ESTÉTICAS

Rubens Martins da Silva¹⁴

Introdução

Antes do mergulho inicial no funcionamento da palavra que dá voz ao discurso da literatura tocantinense, é necessário esclarecer aos leitores deste capítulo que as motivações para a produção deste trabalho estão ancoradas nos seguintes questionamentos: i) o que é/pode/deve ser considerado literatura tocantinense?; ii) quando uma obra ocupa o lugar de fala de um trabalho produzido no Tocantins?; iii) o que temos é, de fato, uma literatura ou manifestações literárias tocantineses?; iv) como esse material literário pode ser aplicado para a formação de leitores?

Certamente, as perguntas ora elencadas não serão consideradas de modo cristalizado para a obtenção de respostas pontuais, pois assim como a palavra não tem discurso transparente, as hipóteses a elas correspondentes se fazem na materialidade de que as produções literárias divulgadas/produzidas no Estado do Tocantins estão em busca de sua notoriedade estética.

Em partes, o texto constitutivo deste capítulo resultou de discussões decorrentes da execução de um curso vinculado à Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Estadual do Tocantins (Unitins) com a denominação de “Ciclo de Estudos e Debates da Literatura Tocantinense (CEDLT)”. Além disso, sua construção congrega sugestões de uso pedagógico de três obras representativas da literatura produzida no Tocantins, sendo: i) *A cor do poema*, de Edson Gallo (2009); ii) *Desabrochando em versos*, de Symone Elias (2021); *O Gato Dom*, de Francisco Neto (2022).

De modo geral, esta produção tem como objetivo divulgar a potencialidade da literatura tocantinense para os fundamentos da escolarização literária e da identificação de escritores residentes ou representantes dos diversos municípios tocantineses.

Além dos itens introdução e considerações finais, este capítulo está organizado em três seções. A primeira seção apresenta o processo de institucionalização e execução do CEDLT. A segunda seção apresenta uma abordagem teórica a respeito da escolarização literária, tendo como norte a literatura tocantinense. A terceira seção congrega a análise das três obras literárias como elemento de ênfase ao processo de escolarização da literatura tocantinense.

À guisa reflexiva, este trabalho não esbarra seus significados no modo como ele chega ao leitor, pois esta é uma produção que se mostra empenhada na difusão da literatura tocantinense. Afinal, o texto literário pode até existir, ou seja, ele pode até estar publicado, mas ele só alcança sua essência quando o leitor mergulha no funcionamento de seu efeito estético.

14 Pós-doutor em Letras, com ênfase na literatura tocantinense (UFT, 2019). Professor efetivo da Unitins e da Seduc-TO. E-mail: rubens.ms@unitins.br

Sobre o Ciclo de Estudos e Debates da Literatura Tocantinense - CEDLT

A realização do curso de extensão denominado Ciclo de Estudos e Debates da Literatura Tocantinense (CEDLT) resultou de um processo de institucionalização na Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Estadual do Tocantins e da publicação de edital para selecionar interessados em estudos literários.

No documento que norteou sua institucionalização, o CEDLT foi planejado sob a premissa de um curso voltado à perspectiva de realização de estudos que favorecessem a percepção e a relevância pedagógica de obras literárias publicadas por escritores tocantinenses, tendo como público-alvo estudantes, professores (internos ou externos à Unitins), bem como pessoas interessadas pelos estudos literários de diferentes áreas do conhecimento.

O objetivo geral do CEDLT teve como foco compreender a relevância das obras literárias publicadas por escritores tocantinenses para a formação de leitores em diferentes espaços acadêmicos e/ou sociais. De modo pontual, seus objetivos específicos buscaram: realizar leituras e debates de obras publicadas por escritores tocantinenses; realizar debates com escritores tocantinenses; realizar debates voltados à produção de material contemplando sugestões de uso da literatura tocantinense em espaços acadêmicos e/ou sociais; produzir textos acadêmicos problematizando o uso da literatura tocantinense em diferentes contextos.

As principais ações do CEDLT concentraram-se na realização de encontros presenciais para estudo e debate de obras publicadas por escritores tocantinenses, bem como na realização de debates na modalidade de mesas-redondas.

Conforme consta no Quadro 1, adiante, o CEDLT contemplou a realização de nove (09) encontros nas dependências da Unitins, Câmpus Graciosa, em Palmas-TO. Vejamos o detalhamento do cronograma das aulas do CEDLT:

Quadro 1. Quadro do cronograma de aulas do CEDLT

| UNIVERSIDADE ESTADUAL DO TOCANTINS CICLO DE ESTUDOS E DEBATES DA LITERATURA TOCANTINENSE CRONOGRAMA DE AULAS |
|--|
| Aula 1 (10/04/2023): Explicação sobre os objetivos do curso em relação aos estudos da literatura tocantinense. Detalhamento sobre a realização dos encontros presenciais e dos critérios para certificação dos participantes. |
| Aula 2 (17/04/2023): Realização de estudo da obra literária, "O Quati e outros contos" (2001), de Fidêncio Bogo; |
| Aula 3 (24/04/2023): Realização de estudo da obra Literatura Tocantinense: Entrevistas, de Pedro Albeirice Rocha (2020); |
| Aula 4 (08/05/2023): Realização de estudo da obra literária "As duas vidas de Cecília", de Raymundo Aires Filho (2021); |
| Aula 5 (15/05/2023): Realização de estudo abordando orientações sobre a produção de textos acadêmicos; |

| |
|--|
| Aula 6 (22/05/2023): Realização de estudo da obra literária “Encontros na praça: poesias”, de Edson Gallo (2021); |
| Aula 7 (29/05/2023): Realização de estudo de artigos científicos contemplando a literatura tocantinense no período de 2019 a 2022; |
| Aula 8 (05/06/2023): Realização de estudo da obra literária “Travessuras e magia no cerrado encantado”, de Rhoselly Xavier (2016); |
| Aula 9 (12/06/2023): Realização de estudo contemplando orientações gerais sobre a produção do relatório de participação neste curso; bem como o repasse de informações sobre o processo de certificação e de publicação dos textos sugeridos na aula 5. |

Fonte: Elaborado pelo autor.

Na aula do dia 08/05/2023, o escritor Raymundo Aires Filho, autor da obra “As duas vidas de Cecília” (2021), deu sua contribuição mediante participação pelo *Google Meet*. Centrada em uma narrativa que apresenta traços do patriarcado, a obra revela as dificuldades enfrentadas por Cecília em seguir sua vida em razão do autoritarismo de seu pai. Além disso, é uma produção literária que reúne informações sobre o filho que ela teve, mas que, em razão da separação conjugal, não foi possível criá-lo ao seu lado.

A notícia divulgada no site da Unitins, no link: <https://encurtador.com.br/wBHSW>, respondeu à aula do CEDLT realizada no dia 05/06/2023. Nela os alunos tiveram a oportunidade de participar de um debate com a escritora Rhosely Xavier, autora da obra “Travessuras e magia no cerrado encantado” (2016). O debate possibilitou a identificação da relevante contribuição dessa obra para os estudos em espaços acadêmicos de ensino fundamental e médio, bem como de ensino superior.

De modo geral, o curso CEDLT oportunizou o estudo de obras publicadas por escritores tocantinenses.

Sobre as possibilidades de escolarização da literatura tocantinense

O foco pedagógico do ensino de literatura ganha destaque quando a leitura é intensificada nas atividades escolares. Nesse sentido, o processo de escolarização da literatura ganha destaque quando o leitor se vê envolvido com a descoberta do mundo literário.

O efeito mais acentuado da leitura é percebido quando os estudantes buscam nela os significados de suas vidas, de seus projetos, de suas possibilidades de conquistas, inclusive sociais e econômicas.

Na linha do que preconiza a BNCC – Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018, p. 154), a escolarização da literatura tocantinense revela sua vertente quando sua materialidade contribui para a formação do leitor. Vejamos:

A formação do leitor literário deve pautar-se na diversidade de organização/progressão curricular: diferentes gêneros, estilos, **autores e autoras** – contemporâneos, de outras épocas, **regionais**, nacionais, portugueses, africanos e de outros países – devem ser contemplados (Brasil, 2018, p. 154, grifo nosso).

A exposição contida na BNCC (2018), indica que os estudos literários contemplam uma vasta diversidade estética. Nesse caso, a literatura regional, a qual é identificada neste trabalho como literatura tocantinense, integra essa diversidade e, por isso, deve fazer parte das atividades de leitura na educação básica superior, bem como na realização de ações de pesquisa e extensão.

No contexto da abordagem teórica de Magda Soares (2003), a escolarização da literatura demanda a realização de atividades que contemplem as possibilidades de contribuição das ações de leitura para a formação de leitores. Diante disso, a escolarização da literatura tocantinense pode ser executada a partir de propostas pedagógicas, conforme consta no próximo tópico deste capítulo.

A noção de escolarização da literatura, nos dizeres de Soares (2003) e Cosson (2007), sugere a compreensão de que a força estética promove aprofundamento na assimilação de saberes relacionados a diferentes áreas do conhecimento. Nesse sentido, a leitura amplia as condições de assimilação dos eixos “conteúdos” e “discussão temática”. Ambos são importantes porque o leitor será direcionado à identificação dos sentidos dos textos. Isso se dá, segundo explica Cosson (2007, p. 14), porque “Ler implica a troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultado de compartilhamentos de visões de mundo entre os homens no tempo e no espaço”.

Segundo aponta Todorov (2009), a escolarização da literatura, o que corresponde a tornar o texto literário presente nas atividades do leitor, é necessária para as atividades pedagógicas porque a leitura literária gera possibilidades de interação em diferentes contextos. Além disso, a literatura é responsável pela ampliação de saberes e de diálogos envolvendo diferentes temáticas.

Em razão do alinhamento deste trabalho com a literatura tocantinense, um dos pressupostos fundamentais do processo de escolarização está assentado nas competências propostas pelo Documento Curricular do Território do Tocantins - DCT/TO (Tocantins, 2019). Por sua vez, esse documento estabelece que o estudante/leitor da literatura tocantinense será capaz de identificar a importância que ela representa para os estudos e atividades pedagógicas. Em uma de suas competências, o DCT/TO aponta que o leitor/estudante será capaz de:

Compreender as relações entre o texto literário e o contexto histórico, social, político, e cultural, valorizando a literatura como patrimônio nacional. Além disso, gera possibilidade de desenvolvimento de habilidades convergentes para se conhecer a cultura do Tocantins por meio da literatura tocantinense, em todos os gêneros em que ela se manifesta (Tocantins, 2019, p. 76).

Como enfatiza o DCT/TO, a literatura tocantinense deve ser explorada nas atividades pedagógicas na intenção de que os leitores identifiquem quais são os seus eixos do contexto histórico e seu percurso contributivo ao campo social, político e cultural.

Os fundamentos que justificam a realização da leitura asseguram a vertente de que ela contribui para a aquisição de saberes críticos. Nesse contexto, vejamos o que aponta o DCT/TO:

A leitura exige um processo educativo para desenvolver as habilidades de ler, ouvir, falar e, finalmente, escrever e refazer textos com apropriação e domínio da linguagem, o que pressupõe conhecimento dos diversos gêneros textuais.

O desenvolvimento de tais habilidades envolvendo textos literários possibilita que o estudante avance de uma situação de leitura passiva à crítica e veja o mundo por diversos ângulos, que somente a leitura pode proporcionar (Tocantins, 2021, p. 15).

A prática da leitura, corresponde à tomada de decisões frente a determinadas situações. Uma delas, por exemplo, está atrelada ao conhecimento de assuntos correspondentes a diferentes áreas do conhecimento, e com destaque para o domínio de habilidades e competências. A leitura amplia, também, as possibilidades de levantamento de questionamentos necessários à discussão temática.

Em prol do que institui a BNCC, é importante que a escolarização literária contemple atividades pedagógicas capazes de despertar o leitor para o alcance de habilidades de leitura. Vejamos algumas delas:

Quadro 2. Habilidades de leitura instituídas pela BNCC

| HABILIDADES DE LEITURA SEGUNDO A BNCC | |
|--|--|
| Código da Habilidade | Descrição da Habilidade |
| EM13LGG601 | Apropriar-se do patrimônio artístico e da cultura corporal de movimento de diferentes tempos e lugares, compreendendo a sua diversidade, bem como os processos de disputa por legitimidade. |
| EM13LGG602 | Fruir e apreciar esteticamente diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, assim como delas participar, de modo a aguçar continuamente a sensibilidade, a imaginação e a criatividade. |
| EM13LGG603 | Expressar-se e atuar em processos criativos que integrem diferentes linguagens artísticas e referências estéticas e culturais, recorrendo a conhecimentos de naturezas diversas (artísticos, históricos, sociais e políticos) e experiências individuais e coletivas |
| EM13LGG604 | Relacionar as práticas artísticas e da cultura corporal do movimento às diferentes dimensões da vida social, cultural, política, histórica e econômica. |

Fonte: Elaborado com base na BNCC (Brasil, 2018, p. 488).

Diante do exposto, este trabalho estende sua relevância à necessidade de escolarização da literatura tocantinense como algo que dará sentido às produções realizadas/publicadas no Tocantins. Nesse sentido, o tópico a seguir representa o principal motivo deste trabalho. É nele que consta o registro de possibilidades de uso pedagógico da literatura tocantinense, a partir de três obras que, de certo modo, são fundamentais ao estudo de diferentes “conteúdos” e “discussão temática”.

Possibilidades de uso pedagógico de três vozes estéticas tocantinenses

Na perspectiva de apresentação de propostas pedagógicas a partir de três vozes estéticas tocantinenses, o movimento inicial deste tópico tem como fundamento a retomada às perguntas

iniciais deste capítulo. Vejamos a organização destas perguntas:

Quadro 3. Alguns questionamentos a respeito da literatura tocantinense

| ALGUMAS PERGUNTAS A RESPEITO DA LITERATURA TOCANTINENSE |
|---|
| 1ª) O que é/pode/deve ser considerado literatura tocantinense? |
| 2ª) Quando uma obra ocupa o lugar de fala de um trabalho produzido no Tocantins? |
| 3ª) O que temos é, de fato, uma literatura ou manifestações literárias tocantinenses? |
| 4ª) Como esse material literário pode ser aplicado para a formação de leitores? |

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

As respostas às perguntas acima elencadas estariam mescladas ao contexto de uma literatura que apresentasse informações sobre aspectos históricos, culturais, econômicos do estado do Tocantins. Outras prováveis respostas estariam ligadas à apresentação de aspectos geográficos no sentido de solo, do clima, da fauna, da flora e das riquezas minerais. Assim, a produção literária contendo referências sobre a historicidade dos povos tradicionais seria também uma das respostas sobre os questionamentos apontados.

A produção literária a partir de cidadãos nascidos no Tocantins ou que vieram de outras localidades, mas que publicaram seus trabalhos em nome desse lugar também daria boas respostas ao que está posto. Sem a pretensão de apresentação de respostas, porém na perspectiva de mobilizar os leitores à busca destas, a composição deste tópico diz respeito à apresentação de sugestões pedagógicas a partir de três obras literárias tocantinenses, conforme registradas no Quadro 4, abaixo.

Quadro 4. Algumas obras literárias tocantinenses

| ALGUMAS OBRAS LITERÁRIAS TOCANTINENSES |
|---|
| ELIAS, Symone. Desabrochando em versos. – São Paulo: Editora Areia Dourada, 2021. |
| GALLO, Edson. A cor do poema. – Goiânia: Kelps, 2009. |
| PINTO. Francisco Neto Pereira. O gato Dom. – Campinas, SP: Mercado de Letras, 2022. |

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

O Quadro 4 apresenta a organização bibliográfica das três vozes estéticas tocantinenses selecionadas para a escrita deste capítulo. O modo de escolha destas obras foi aleatório e não comprometeu seus autores ou quaisquer outros cidadãos, principalmente porque se trata de um trabalho centrado na apresentação de encaminhamentos pedagógicos aos leitores da literatura tocantinense.

No percurso da obra “A cor do poema”

A primeira abordagem a respeito da apresentação de sugestões de uso pedagógico da literatura tocantinense está relacionada à obra “A cor do poema”, de Edson Gallo (2009). É uma obra que foi produzida no formato de poemas e apresenta reflexões poéticas que reverberam os sentidos da vida, dos sonhos e dos anseios de realizações pessoais.

O livro compõe-se de duas partes. A primeira parte contém 35 poemas, que tratam de temas relacionados à saudade e à esperança. A segunda parte contém 30 poemas, que misturam memórias e aventuras.

O convite à leitura dessa obra corresponde ao indicativo de um trabalho literário que pode despertar o leitor à apreciação de temas fundamentais ao contexto social, além das possibilidades de percepção de sua aplicação em atividades pedagógicas.

A tessitura deste capítulo mobiliza o leitor ao estudo das obras ora mencionadas a partir dos eixos conteúdos e discussão temática. O eixo “conteúdo” corresponde à percepção do assunto que a obra apresenta. O eixo “discussão temática” corresponde às possibilidades de identificação e exploração de temáticas vinculadas a diferentes contextos.

A provocação inicial deste trabalho está ancorada no convite à leitura de excertos do poema que dá título à referida obra literária. Vejamos alguns trechos do texto “a cor do poema”.

A cor do poema

Um poema nasce pela manhã

Um poema (re)nasce à noite

Um poema nunca nasce à tarde

Um poema pela Manhã é madrigal

à noite é sarau

[...]

Um poema matinal tem rima, ritmo, melodia

O poema notívago é livre, musical, poesia

[...]

Pela manhã os poemas são escritos em cor amarelo,

banhados em aguarrás à noite, Lilás.

(Gallo, 2009, p. 73)

Construído em 11 estrofes, ambas sem rimas, o texto revela ao leitor que o poema tem diferentes cores; no entanto, qual seria a cor do poema no contexto da vida social, acadêmica ou profissional? Em busca de respostas sem caráter engessado, o convite à identificação do eixo conteúdo é o elemento que demarca o estudo do referido poema.

A partir do eixo “conteúdo”, a leitura de “a cor do poema” mobiliza o leitor à percepção dos seguintes questionamentos: o que representa o nascimento do poema em cada um dos três períodos do dia? O poema que nasce pela manhã seria diferente daquele que é produzido à tarde ou à noite? O que é e como se dá a estrutura de um poema? O poema pode ser considerado um modo de expressão poética?

Os questionamentos ora apresentados não têm a intenção de despertar no leitor o simples interesse em respondê-los. Acima disso, os “conteúdos” ora questionados funcionam como mecanismo de interesse em descortinar os significados dos assuntos que estão presentes nestas obras.

No contexto da “discussão temática”, a obra em tela diz respeito à identificação de assuntos que suscitarão o estudo de diferentes temáticas. Nesse sentido, alguns pontos de problematização são necessários. Diante disso, questiona-se: quais discussões temáticas esse poema sugere? O que significa, por exemplo, dizer que o poema tem cor? Será que as cores representam possibilidades de avanços ou de desafios ao longo da trajetória estudantil? Como compreender a essência do poema a partir das cores nele mencionadas?

A escrita matinal do poema é de cor amarela em relação ao nascer do sol. Isso significaria dizer que “o sol nasce para todos”? Quais oportunidades os cidadãos têm em suas trajetórias diárias? De modo semelhante, qual a simbologia da cor lilás do poema ao ser escrito à noite? Essa tonalidade estaria relacionada à simbologia da dignidade, sinceridade e respeito?

Os questionamentos apresentados não contemplam sugestões de respostas porque elas serão dadas pelo próprio leitor ao realizar suas pesquisas, o que caracteriza o ato pedagógico do estudo literário. Nesse viés, a leitura é uma viagem que descortina os horizontes e descobertas em que o leitor se encontra envolvido.

No percurso da obra “Desabrochando em versos”

A segunda abordagem sobre algumas sugestões de uso pedagógico da literatura tocantinense está vinculada à obra “Desabrochando em Versos”, de Symone Elias.

Construída sob uma das mais recentes formas poéticas, o SPINA, a obra literária da escritora tocantinense Symone Elias compõe-se de 70 SPINAS, os quais foram organizados nos seguintes agrupamentos: a) momentos de reflexão, com 19 poemas; b) momentos de encantamento, com 17 poemas; c) momentos de fantasia e sedução, com 25 poemas; d) homenagens de amigos em SPINAS, com nove poemas.

A forma poética SPINA tem uma estrutura de apenas duas estrofes. A primeira estrofe deve ser produzida no formato de três versos e cada um destes deve possuir apenas três palavras, sendo, obrigatoriamente, a primeira palavra do primeiro verso no formato trissílabo. A segunda estrofe possui cinco versos, os quais devem conter apenas cinco palavras em cada um deles. Além disso, o terceiro verso deve rimar com o sexto e com o oitavo.

O poema SPINA, recortado da obra de Elias (2021) para a tessitura deste capítulo, foi escrito sob o título “Vida, campo de batalha”. É, portanto, a partir deste poema que este tópico se desdobra na apresentação de sugestões pedagógicas a partir de um importante trabalho que reverbera o cenário literário tocantinense.

Vida, campo de batalha

Suportar, cair, levantar

Enfrentar o caminho

A vida... Momentos.

Dias exitosos passam, ruins também...

Sempre passam! Obstáculos não podem

Fazer-lhe desacreditar dos seus intentos.

Mesmo abatido, caído... Erga-se, retome

Sua posição... Reúna seus fragmentos.

(Elias, 2021, p. 21)

A primeira estrofe do poema de Symone Elias (2021) sugere a tomada de reflexões a respeito dos desafios que o dia a dia apresenta. Nesse bojo, é importante mencionar que esse poema alcança nuances pedagógicas mediante a apresentação de questionamentos que não têm respostas prontas, mas que despertam o leitor à tomada de reflexões.

Um dos primeiros questionamentos pedagógicos corresponde à seguinte inquietação: quem está pronto para suportar os desafios da vida? Quem tem caído, mas ao mesmo tempo manifestado interesse em estar de pé para enfrentar a vida em seus diferentes momentos ou situações?

A segunda estrofe do poema aponta ao leitor que as alegrias da vida são passageiras. Isso revela a concepção de que os obstáculos existem para serem superados, pois o mais importante é juntar o otimismo, mesmo que ele esteja fragmentado.

A poética de Elias (2021) sugere o levantamento de questionamentos que não serão respondidos trivialmente, mas a partir de muitas reflexões, principalmente as resultantes de estudos ou de percepção empírica e científica da vida. Nesse viés, questiona-se: de que maneira os cidadãos estão aproveitando os bons e poucos momentos da vida? Será que os leitores, principalmente aqueles que estão na condição de alunos da educação básica ou superior, estão aproveitando os momentos de estudo como algo significativo? De que modo os espaços de ensino têm contribuído para a expansão da aprendizagem crítica? Atualmente, os leitores estão buscando informações que complementam seus espaços de vivências, mesmo diante de situações consideradas adversas?

Notadamente, as respostas esperadas não atingem a concepção de algo estanque ou sem possibilidades de reflexões modernas. Nesse viés, tem-se a perspectiva de que os espaços de ensino sejam vistos como fonte de redescoberta ou de superação de obstáculos considerados intransponíveis. Afinal, a leitura de um SPINA não é apenas literária, mas é, também, de realização pessoal e social.

A obra poética de Elias (2021) também apresenta uma ampla relação com a natureza. Daí o convite à leitura do SPINA "Atração Diária".

Atração Diária

Festejam ao entardecer
Na madrugada silenciam
Fofocam anunciando alvorada...

Assim se apresentam os festivos
Periquitos nos eucaliptos da praça
Patuscada diária com hora marcada.
Vêm, vão... Saúdam aos caminhantes,
Coreografam em balé fazendo revoada.

(Elias, 2021, p. 45).

A voz poética de Elias (2021) revela a alegria dos pássaros do entardecer ao amanhecer. A expressividade de satisfação dos pequenos pássaros indica que eles vivem em harmonia. Nesse contexto, será que a harmonia do ser humano com a fauna e a flora apresentam instantes de satisfação? A simplicidade dos pássaros seria vivida, também, pelos cidadãos em sua trajetória diária? A harmonia das aves, os periquitos, provoca reflexões e um convite à leitura da obra “O Gato Dom” de Francisco Neto (2022), adiante.

No percurso de leitura da obra “O Gato Dom”

A terceira abordagem, que congrega sugestões de uso pedagógico da literatura tocantinense, está vinculada à obra “O Gato Dom”, de Francisco Neto Pereira Pinto (2022).

Categorizada no formato de conto, a obra em tela atinge o contexto de uma literatura infantojuvenil escrita em 31 páginas, as quais contêm ilustrações de Fabiana Alves Correa.

A obra de Pinto (2022) apresenta a narrativa de um conto cujo personagem central é um gato. A narrativa envolvente mobiliza o leitor à percepção de relações entre os animais e os seres humanos, motivo pelo qual a obra se apresenta como leitura indispensável.

O recorte textual que potencializa o estudo e a apresentação de sugestões pedagógicas sobre essa obra tem como cenário o momento em que a narrativa anuncia o primeiro contato com o gato, até então sem nome. Vejamos:

Aquele era um gato que ninguém sabia se tinha nome, pais, irmãos, qualquer família, se vinha de onde e de sua chegada ali. [...]. A moça do restaurante, que às vezes, lhe jogava um resto de petisco para agradar ou sobras dos clientes satisfeitos, arriscou um palpite: Ah, deve ser de um ano, ou só um pouquinho mais, não vê que da cabeça ao último do rabo não mede mais que quarenta centímetros? [...]. (Pinto, 2022, p. 10).

A atenta leitura de “O Gato Dom” sugere a compreensão de importantes conteúdos e temá-

ticas. Destaca-se, por exemplo, a discussão a respeito da quantidade de animais abandonados ou maltratados. Nesse foco, alguns questionamentos, de contexto social e político, são fundamentais à leitura dessa obra, a saber: há alguma política pública de atenção aos animais domésticos (cães e gatos) na maioria dos municípios tocantinenses? De que modo a população tem dado atenção e cuidados aos cães e gatos que moram em áreas públicas? As relações dos seres humanos com os cães e gatos podem ser consideradas como alternativas de melhor compreensão de si e do outro? Há lições de vida que os seres humanos poderiam aprender com os animais? Como compreender as relações apresentadas na obra entre o gato Dom, Téó, Pedro e Ana?

A narrativa registrada na página 30 destaca o sentimento de Dom em relação a Ana. De modo geral, o trecho destaca que Dom “deixou a mágoa ir” (Pinto, 2022, p. 30) a ponto de compreender que a vivência em família é desafiadora.

No campo da prática pedagógica, a leitura de “Dom” sugere reflexões a respeito do modo que se vive em casa. A necessidade de compreensão das ações dos animais é tão importante quanto a nossa ao lado deles. Nisso, questiona-se: como os estudantes têm enfrentado os desafios de vivência na escola? Como lidar com as condições de estranhamento do outro? O que mobiliza o ser humano a não aceitar o outro, nem os animais, se ele necessita do apoio de ambos?

As respostas aos questionamentos ora apresentados não têm regra. Como eles fazem parte de determinados contextos, os diferentes conteúdos estudados darão suporte à discussão de temáticas a ele vinculadas. É, portanto, nesse foco, que este trabalho, este capítulo, enfatiza a necessidade de escolarização da literatura tocantinense.

Considerações Finais

As inferências registradas neste trabalho sobre a literatura tocantinense descortinam a importância de valorização dos escritores regionais. Sob o contexto de propostas pedagógicas, este trabalho aponta que a escolarização da literatura é relevante à formação de leitores, bem como às atividades de leitura nos espaços da educação básica e superior.

A contextualização a respeito da literatura tocantinense está evidenciada nas abordagens do curso de extensão Ciclo de Estudos e Debates da Literatura Tocantinense (CEDLT), o qual testemunha da realização de atividades envolvendo leitura de diversas obras produzidas por escritores tocantinenses.

O tópico a respeito da escolarização da literatura tem como foco o sentido de que as produções literárias tocantinenses apresentam potencialidades à formação de leitores em diferentes espaços de estudo. Nesse sentido, e na intenção de revelar ao leitor a potencialidade dessa literatura, o tópico sobre a apresentação de propostas de escolarização contemplou o registro de três obras: “A cor do poema”, “Desabrochando em versos”, “O Gato Dom”.

A primeira obra expressa ao leitor o quanto a arte poética é fundamental à compreensão da vida diante de seus desafios e vitórias, bem como sobre o quanto ela é bela ou nebulosa em determinados momentos. A segunda obra apresenta uma caminhada de descoberta a partir de produções poéticas estruturadas em poemas de formato SPINA. A terceira obra aborda o quanto

os animais domésticos necessitam do apoio dos seres humanos. De modo direto, o pequeno Dom, apresenta lições de vida a respeito das relações sadias que se devem ter em diferentes ambientes.

Diante do exposto, e na perspectiva dos avanços que a literatura tocantinense está alcançando, este trabalho não finda suas abordagens nos indicadores ora discutidos. Afinal, esta produção dá direção à criação de questionamentos que justifiquem o porquê do estudo de “conteúdos” e de “discussões temáticas” nas diferentes áreas do conhecimento a partir da produção literária regional.

Referências

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**. – São Paulo: Contexto, 2007.

ELIAS, Symone. **Desabrochando em versos**. – São Paulo: Editora Areia Dourada, 2021.

GALLO, Edson. **A cor do poema**. – Goiânia: Kelps, 2009.

PINTO, Francisco Neto Pereira. **O gato Dom**. – Campinas, SP: Mercado de Letras, 2022.

SOARES, Magda. **Letramento e escolarização**. In: RIBEIRO, Vera Masagão (org). **Letramento no Brasil**. São Paulo: Global, 2003.

TOCANTINS. **Documento Curricular do Território do Tocantins**. Caderno 2. Palmas: Seduc, 2021.

